

**III Encontro Regional Sul de História Oral - ABHO**



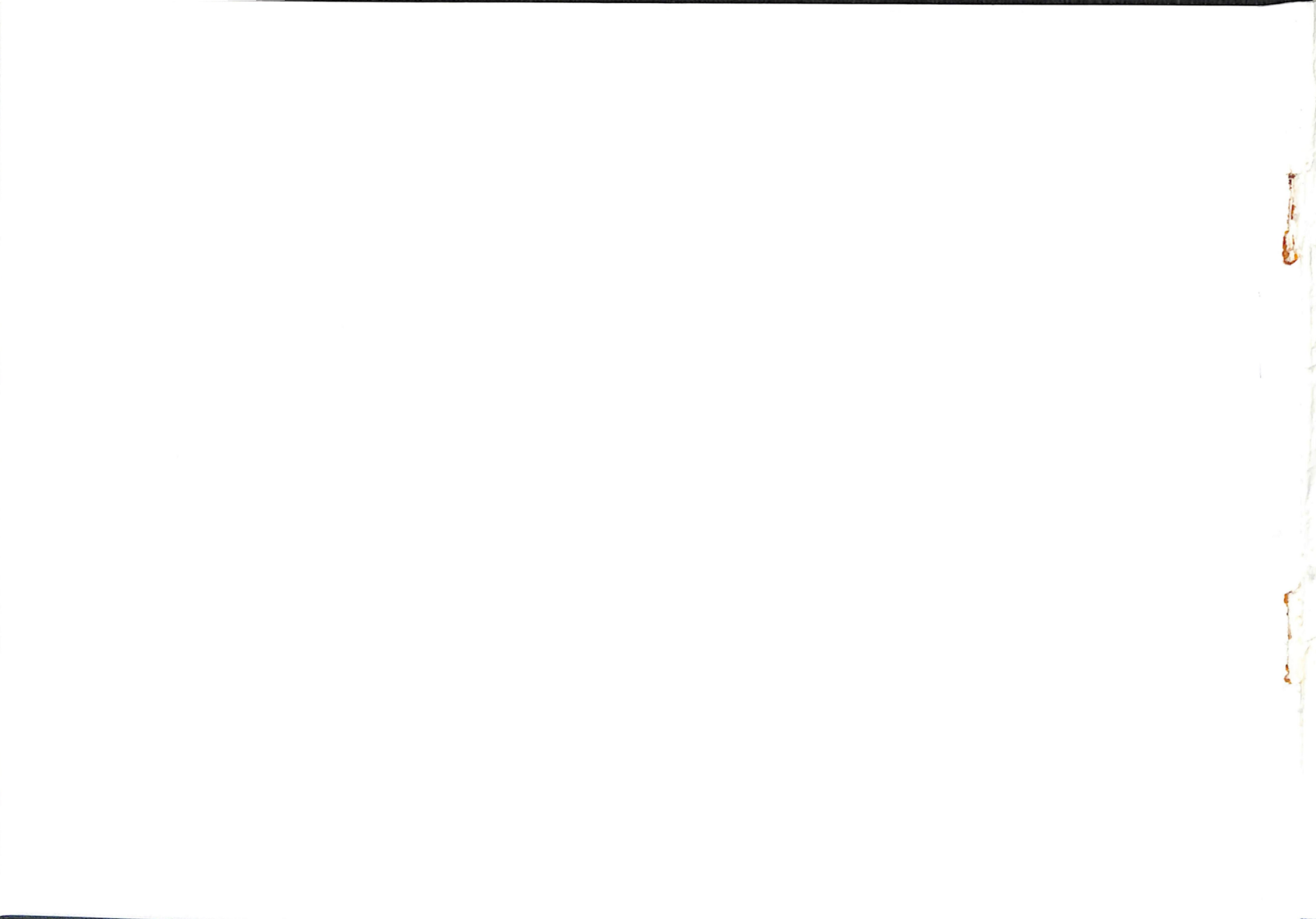
*História Oral:*  
**experiências e expectativas**

ABHO – Associação Brasileira de História Oral / Regional Sul

1, 2 e 3 de setembro de 2005

Local: PUCRS





III Encontro Regional Sul de História Oral  
1, 2 e 3 de setembro de 2005

# História Oral: experiências e expectativas

## CADERNO DE RESUMOS

### Promoção:

Associação Brasileira de História Oral/ Regional Sul – ABHO/RS  
Centro de Estudos em História Oral - PUCRS  
Programa de Pós-Graduação em História PUCRS  
Núcleo de Estudos e de Integração de Pesquisas em História Oral – UNISINOS  
Programa de Pós-Graduação em História UNISINOS

### Apoio:

PPG em História da UNISINOS – PPG em História da PUCRS – ABHO – FAPERGS



2005

© ABHO – Associação Brasileira de História Oral / Regional Sul

Organização: Haike Roselane Kleber da Silva e Marluza Marques Harres

Revisão: Haike R. K. da Silva

Capa: Gráfica Palier

Diagramação e arte-finalização: Jair de Oliveira Carlos

Impressão: Con-Texto Gráfica e Editora

Editora Oikos Ltda.  
Rua Paraná, 240 – Cx. P. 1081  
93120-020 São Leopoldo/RS  
Tel.: (51) 568.2848

E56h Encontro Regional Sul de História Oral (3. : 2005 : Porto Alegre)

História Oral: experiências e expectativas: caderno de resumos do 3. Encontro Regional Sul de História Oral, Porto Alegre, 1 a 3 de setembro de 2005. – São Leopoldo: Oikos, 2005.

84 p.

ISBN 85-89732-27-4

1. História oral. 2. História. 3. História e memória. 4. Metodologia da história. I. Título.

CDU 930.2:061.3

Catálogo na Publicação: Bibliotecária Eliete Mari Doncato Brasil – CRB 10/1184

## SUMÁRIO

---

|                              |   |
|------------------------------|---|
| APRESENTAÇÃO .....           | 4 |
| PROGRAMAÇÃO GERAL .....      | 5 |
| EMENTA DOS MINI-CURSOS ..... | 6 |

### RESUMOS DAS MESAS REDONDAS

|                            |    |
|----------------------------|----|
| NARRATIVA E MEMÓRIA .....  | 7  |
| FONTES E MÉTODOS .....     | 9  |
| HISTÓRIA E MEMÓRIA .....   | 11 |
| MEMÓRIA E IDENTIDADE ..... | 13 |

### RESUMOS DAS COMUNICAÇÕES POR GRUPO DE TRABALHO

|                                   |    |
|-----------------------------------|----|
| CIDADE E MEMÓRIA .....            | 17 |
| HISTÓRIA E NARRATIVA .....        | 31 |
| HISTÓRIA ORAL E EDUCAÇÃO .....    | 35 |
| HISTÓRIA ORAL E SAÚDE .....       | 49 |
| QUESTÕES DE MÉTODO E TEORIA ..... | 53 |
| HISTÓRIA ORAL E POLÍTICA .....    | 57 |
| HISTÓRIA ORAL E GÊNERO .....      | 65 |
| HISTÓRIA ORAL E TRABALHO .....    | 73 |
| ACERVOS PARA HISTÓRIA ORAL .....  | 77 |
| ÍNDICE POR NOMES .....            | 84 |

## APRESENTAÇÃO

---

□ III Encontro Regional Sul de História Oral é uma promoção da Associação Brasileira de História Oral (ABHO) – Regional Sul em conjunto com os Programas de Pós-graduação em História da PUCRS e da UNISINOS. Congrega instituições, professores e pesquisadores dos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. O evento é uma oportunidade única para o encontro, o diálogo e a troca de experiências no campo da pesquisa com fontes orais. A História Oral vem se afirmando como uma metodologia inovadora para a investigação em história, destacando-se sua utilização seja em pesquisas circunscritas em termos temáticos, seja naquelas de escopo mais amplo que trabalham com histórias de vida. Por se tratar de uma prática de pesquisa relativamente nova, cujos consensos estão sendo testados e consolidados pela comunidade acadêmica, justifica-se a necessidade de investirmos na troca de experiências e de conhecimentos, discutindo nossos horizontes de trabalho. Examinarmos e discutirmos, enquanto comunidade de pesquisadores, as trajetórias e os resultados das pesquisas com fontes orais é fundamental para o avanço e o aperfeiçoamento desta metodologia entre nós. Com essa preocupação organizamos a programação do evento, contemplando quatro tipos de atividades que são palestras, mesas redondas, grupos de trabalhos organizados por temas e abertos para inscrição de comunicações e mini-cursos.

O Caderno de Resumos aqui apresentado revela o acerto de nossa iniciativa, ultrapassando o caráter regional proposto inicialmente. Tivemos uma grande adesão de pesquisadores do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, como era esperado, mas também contamos com uma significativa participação de colegas dos mais distantes pontos do Brasil: recebemos inscrições de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Mato Grosso, Roraima, Pernambuco e Piauí. Isso demonstra a atualidade da questão, a importância da discussão e a relevância da História Oral como campo de pesquisa.

Manifestando nossa satisfação por sua presença, desejamos um excelente evento a todos os participantes.

Comissão Organizadora

## PROGRAMAÇÃO GERAL

| 1 de setembro (quinta-feira)  | 2 de setembro (sexta-feira)   | 3 de setembro (sábado)   |
|---|---|--|
| <p>8h30 – credenciamento</p> <p>9h30 – Sessão solene de Abertura</p> <p>10h30 – Palestra<br/> <u>“Oralidade, Memória e História: Questões Metodológicas”</u><br/>           Antonio Torres Montenegro</p> | <p>8h30 às 10h – Mini-cursos</p> <p>10h15 – Mesa Redonda<br/> <u>História e memória: diálogos</u></p>   | <p>8h30 às 10h – Mini-cursos</p> <p>10h15 – Mesa Redonda<br/> <u>Memória e Identidade</u></p> <p>12h30 – Sessão de encerramento</p>  |
| <p>13h30 – Mesa redonda<br/> <u>Narrativa e memória</u></p> <p>16h – Mesa redonda<br/> <u>História oral: fontes e métodos</u></p>   | <p>13h30 às 18h<br/>           Sessão de comunicações por Grupos de Trabalho</p> <p>18h30 – Palestra<br/> <u>“Altro mondo é possibile: generazioni al G8 di Genova, Luglio 2001”</u><br/>           Alessandro Portelli</p> | <p style="text-align: center;"><i>Cidade e Memória</i><br/> <i>História e Narrativa</i><br/> <i>História Oral e Educação</i><br/> <i>História Oral e Saúde</i><br/> <i>Questões de Método e Teoria</i><br/> <i>História Oral e Política</i><br/> <i>História Oral e Gênero</i><br/> <i>História Oral e Trabalho</i><br/> <i>Acervos para História Oral</i></p> |

## EMENTA DOS MINI-CURSOS

---

### Mini-curso I

#### Ressonâncias Metodológicas da História e da Memória.

Dr. Antonio Torres Montenegro (UFPE)

Através desse curso pretendemos analisar como as mudanças ocorridas no campo da ciência, da filosofia e das artes entre final do século XIX e o início do século XX produziram diferentes ressonâncias no campo historiográfico. Entre estas privilegiaremos a análise da memória enquanto relato oral e o significado que este adquire para uma parcela significativa de historiadores no Brasil à partir da década de 1990.

### Mini-curso II

#### Práticas de pesquisa na produção da narrativa histórica.

Dra. Regina B. Guimarães Neto (UFMT)

O curso tem como objetivo problematizar a utilização das fontes documentais na produção da narrativa histórica, refletindo sobre a produção discursiva do passado e o conjunto de regras que permitem controlar as operações das quais resulta a escrita. Nos exercícios em sala de aula, analisaremos o trabalho do historiador com as entrevistas orais, privilegiando o debate da memória e as múltiplas relações com outras fontes documentais, compondo a narrativa histórica.

### **Nas Entrelinhas da Narrativa de Mulheres Imigrantes: Questões de subjetividade**

Núncia Santoro de Constantino / PUCRS (RS)

Desenvolve-se reflexões sobre os desvios da narrativa de mulheres imigrantes em Porto Alegre. Para tanto, destaca-se fundamentos do paradigma indiciário e busca-se desconstruir a narrativa sublinhando a subjetividade. Nesta operação analítica há diálogo com a lingüística e com a psicanálise, considerados os gêneros literário e mecanismos de defesa como repressão, negação, racionalização, projeção.

---

### **História e memória: a soldadura da imaginação**

Rosemary Fritsch Brum / NPH-UFRGS (RS)

A presente exposição inicia pela abertura reflexiva proposta pela apropriação do escritor Fausto Wolf, sobre o filósofo Yuriy Moskvitin, segundo o qual não há civilização sem memória. Ou seja, se não temos a capacidade de manter impressões dentro de nós, não há “antroposfera”. Trata-se do fato de que, mais que combinação de elementos para sustentar a realidade, precisamos construir pontes entre o mundo exterior pela imaginação. O trabalho do cérebro é ir imaginando, criando espaços, afirma Moskvitin. E isto se faz pela memória, memórias seculares, pela transmissão oral. É onde chegamos à historia oral. Eis que ela pode ser considerada a partir das relações entre o mito e o conto. São regimes diferenciados, mas não excludentes, uma vez que soldados pela imaginação e por uma estrutura que pode ser compartilhada, conforme o deslizamento aqui proposto.

---

### **Entre a filosofia e a sociologia: matrizes teóricas das discussões atuais sobre História e Memória**

Benito Bisso Schmidt / UFRGS (RS)

Nas pesquisas recentes realizadas por historiadores a respeito das diversas manifestações da memória ao longo do tempo (por exemplo: conflitos, processos de enquadramento, formas de rememoração, comemorações, testemunhas e suportes), alguns autores são recorrentemente citados como o filósofo Paul Ricoeur, o sociólogo Michael Pollak e o historiador Pierre Nora. O objetivo desta comunicação é apresentar algumas notas preliminares sobre as matrizes teóricas que informam os estudos de tais autores, percebendo suas referências epistemológicas, bem como suas aproximações e afastamentos, situando-as no âmbito dos conflitos

entre a filosofia e a sociologia que se desenrolaram entre meados do século XIX e as primeiras décadas do XX. Destacar-se-á as posições do filósofo Henri Bergson (1859-1941) e do sociólogo Maurice Halbwachs (1877-1945).

---

### **Lembranças de migrantes: possibilidades de análise de narrativas**

Rejane Penna / UNILASALLE (RS)

As análises sobre narrativa e memória sempre integraram as preocupações no campo das ciências humanas, envolvendo noções de tempo, espaço, lembranças, oralidades, e subjetividades. Entretanto, os instrumentos analíticos e metodológicos não foram problematizados como na atualidade, focando sociedades complexas em geral, bem como a experiência de vida de grupos nos espaços socioculturais. Buscando construir e testar metodologias de análise de entrevistas, discutir-se-á as possibilidades de interpretação de uma experiência específica: o deslocamento e inserção na nova comunidade de indivíduos advindos de diversas localidades urbanas para morar e trabalhar em Canoas, cidade industrial situada na região metropolitana do Rio Grande do Sul. Dentro dessa perspectiva, a partir das relações obrigatórias de trabalho, investigou-se de que forma indivíduos que migraram de uma cidade para outra viveram e construíram as representações dessa experiência. As conclusões indicaram que os migrantes enfocados não se integraram efetivamente na vida da nova cidade, mas fixaram-se em bairros em muitos aspectos semelhantes de onde partiram. Na realidade, reconstruíram o novo espaço dentro de uma perspectiva enlaçada ao mundo anterior, onde a demarcação social não se fez entre casa e rua, mas entre centro e periferia.

---

## **Uma frágil relação: entrevistadora e entrevistada**

Joana Pedro / UFSC (SC)

A informação oriunda de fonte oral depende, entre outras coisas, do diálogo entre a pessoa que entrevista e a que é entrevistada. Este diálogo, como qualquer outro, é permeado por relações de poder, nas quais estão presentes questões de classe, gênero, etnia, geração. Diante disto, como estabelecer uma relação de proximidade com informantes? Como encontrar um equilíbrio entre a igualdade e a diferença nesta relação? Discutir esta frágil relação e narrar experiências de trabalho com entrevistadas, tentando contornar os problemas, reduzindo as tensões presentes nas diferenças, é o que pretendo discutir nesta apresentação. Focalizarei, especialmente, as questões de geração e de gênero.

---

## **Um encontro com as fontes em História Oral**

Marcos Fábio Freire Montysuma / UFSC (SC)

Nos debruçamos nesse momento a refletir sobre a produção e usos das fontes e dos instrumentos metodológicos que orientam as ações na condução do trabalho do historiador que lida com o que se convencionou chamar História Oral. Para tal buscando discutir a singularidade do trabalho de campo, envolvendo a relação entre o pesquisador e as pessoas ouvidas, como condição de uma ciência que lida essencialmente com indivíduos. Logo estamos envolvidos numa práxis que nos remete a questões situadas na ética, uma vez que lidamos com interpretações e significados atribuídos às memórias contidas nas falas dos sujeitos. A ação de pesquisar possibilita a produção de materiais fabulosos, que exigem tratamento e destino apropriados, visando assegurar a seriedade do trabalho realizado em campo.

---

## **Fontes e métodos em História Oral – a experiência da UNIVILLE – 1982-2005**

Raquel S.Thiago / Universidade da Região de Joinville (SC)

Analisa fontes e métodos empregados no Laboratório de História Oral da UNIVILLE no decorrer da sua trajetória entre 1982 e 2005. Para tanto, a exposição será feita em cinco partes a seguir: Antecedentes – trata das origens do Laboratório de História Oral da FUR/UNIVILLE, e da influência da UFSC. 1ª fase – implantação – em 1982 foi criado o Laboratório de História Oral da FURJ/UNIVILLE

, que seguiu o modelo da UFSC, dando ênfase a depoimentos de lideranças políticas de períodos anteriores . 2ª fase – novas abordagens – três fatores contribuíram para as novas abordagens em HO : a) abertura política, a partir de 1979; b) o “boom” da História Oral dos anos sessenta (México, Estados Unidos e Europa ) , voltada para as minorias e os excluídos ; c) a História Nova , que estimulou a realização de estudos referentes ao cotidiano , à vida privada e cultura popular , levando ao diálogo com a Antropologia. 3ª fase – crise institucional e desativação do LHO – no final dos anos oitenta a Instituição entrou em profunda crise, quando o LHO foi desativado. Mas esta crise acabou desencadeando o processo de transformação da FURJ em Universidade , trazendo perspectivas de reativação do LHO – UNIVILE. 4ª fase – reativação do LHO – reativado em 1999, o LHO tende a crescer e ampliar suas atividades . A partir daí houve a recuperação, organização e ampliação do acervo, a implantação do Programa Institucional de História Oral, foi publicado ( 2005) o Catálogo de História Oral. Deu-se impulso na aproximação com outras instituições catarinenses com a realização do 1º Encontro Catarinense de História Oral. Atualmente busca-se o aprofundamento nos métodos empregados na interpretação da(s) memória(s).

---

## **Memória e história: relações e caminhos de pesquisa**

Marluza Marques Harres / UNISINOS (RS)

Nesta pequena exposição, procuro refletir sobre as possibilidades de articulação entre história e memória nos trabalhos de história oral. O ponto de partida é mapear e discutir algumas formulações teóricas sobre estas duas dimensões e suas interfaces. Ambas são consideradas por alguns pensadores como absolutamente distintas, embora os duas se configurem como caminhos de acesso e relação com o passado, constituindo-se em elementos fundamentais na formação de uma consciência do passado. Entre a reflexão teórica e a prática de pesquisa ainda existe uma longa distância a ser percorrida, cabendo, portanto a preocupação de indagar sobre o trabalho de investigação com esse universo das lembranças, nos quais mergulhamos acompanhando nossos depoentes. Tais articulações e possibilidades de pensar, essa tensa relação como campo de pesquisa deverão estar situadas no âmbito das renovações experimentadas pela pesquisa histórica nas últimas décadas.

---

## **Configurando a cidade: memória, relatos e práticas de espaço**

Regina Beatriz Guimarães Neto / UFMT (MT)

Nossa apresentação tem como interesse refletir sobre o papel ativo das diversas narrativas na construção da memória, instituindo recortes temporais e espaciais que compõem o passado e produzem efeitos de verdade e realidade. A tese proposta é que as narrativas, por meio da linguagem, assinalam as práticas de espaço que se tornam referências fundamentais na análise da produção discursiva do passado, entendendo que todo relato de memória é um relato de percurso, e como tal, nomeia, localiza e hierarquiza. Nesse sentido, os espaços não são anteriores às práticas que os produzem, pelo contrário, são elas, as práticas, que lhes conferem significado. Entendemos que, se as narrativas representam imagens portadoras de signos do passado e do futuro, segundo linhas múltiplas do tempo, entrelaçando-se às tramas da vida urbana, elas também descrevem e re-figuram os espaços das cidades em sua vivência cotidiana, tensa, fragmentada e descontínua; e, fundamentalmente, participam da sua invenção. Assim, a cidade confronta, no mesmo, espaço temporalidades diversas, trazendo inscrita e sedimentada uma história multicultural que pode, ao mesmo tempo, se dar a ver e a ler. As práticas de espaço, nessa perspectiva, projetam traços visíveis – coexistindo com os invisíveis – ganhando legibilidade no texto da cidade.

---

## **Falar e escutar: o fio da memória nos relatos orais**

Maria Leticia Mazzucchi Ferreira / UFPel (RS)

Essa comunicação tem por finalidade analisar alguns conceitos fundamentais do universo teórico no qual abordamos memória e história oral, tomando como referência algumas situações do campo investigativo. Os conceitos em questão são os de memória coletiva, identidade e narrativa, conceitos que se pode definir como operacionais no campo da memória. Com Maurice Halbwachs, a memória adquire a condição de fato social, operacionalizada por sujeitos que, imersos em universos culturais, compreendem o mundo através de significações culturalmente moldadas. No conjunto de sua obra, as noções de memória coletiva e espaço como território de memória, são fundamentais. É numa região de fronteira entre o sujeito que lembra e a matriz social que o formata que o conceito de memória coletiva se complexifica. Noa Gedi e Yigal Elam questionam esse conceito de Halbwachs ao dizerem que apenas os sujeitos, individualmente e não os grupos, podem recordar. Logo, para os autores, o único uso que se pode admitir de memória coletiva é como estereótipos sociais ou mitos (1996:47). Avançando nessa discussão sobre memória coletiva, Joel Candau (1998) afirma que os membros de um grupo ou de uma sociedade compartilham, fundamentalmente, aquilo que esqueceram de seu passado comum. É, portanto, nessa zona de trânsito entre o individual e o coletivo que o trabalho com memórias é desenvolvido e as narrativas orais são o lugar por excelência no qual a memória adquire maior conexão com o mundo externo. O trabalho com a oralidade nos remete, também, a uma reflexão profunda sobre nossa memória, nossa finitude, e, como num jogo de espelhos, nossa condição humana. A memória veiculada pela narrativa constrói e reafirma identidades, sobretudo em situação de risco quando o passado é uma herança. Nos relatos, a memória é como um fio de Ariadne unindo o sujeito presente com aquele imaginado, o sujeito do passado.

---

## **Diálogos entre fontes orais e outras fontes: análise de uma experiência**

Carla Simone Rodeghero / UFRGS (RS)

A partir da experiência de pesquisa com entrevistas de história oral sobre o tema do anticomunismo católico, o presente trabalho visa discutir as tensões e possibilidades presentes na utilização das fontes orais em conexão com outros materiais empíricos. Ao mesmo tempo, procura mostrar possibilidades de transformação em discurso histórico do material produzido a partir das fontes orais.

---

## Imigrantes judeus no Rio Grande do Sul e a(s) crise(s) identitária(s)

Ieda Gutfreind / UNISINOS (RS)

Como proposta para a Mesa Redonda *Memória e Identidade* analiso um aspecto de uma pesquisa mais ampla centrada no processo histórico do estado do extremo sul do Brasil, o Rio Grande do Sul (RS), no que se refere ao fenômeno da imigração. Para este espaço fronteiriço com a Argentina e o Uruguai, acorreram imigrantes europeus de múltiplas etnias, desde o século, XIX, cuja vinda foi facilitada pela política imigratória brasileira e a sul-rio-grandense. Deste longo e multi-étnico processo imigratório selecionei um grupo, os judeus, pela inexistência de trabalhos acadêmicos, pelas condições da sua vinda oficial, pelo seu processo de inserção na sociedade gaúcha e, principalmente, pela experiência que passaram quando do processo de criação do estado judeu. Foram múltiplas as fontes utilizadas nesta pesquisa, incluindo documentos, sejam atas de reuniões, de fundação de entidades, periódicos (jornais e revistas, tanto da coletividade judaica quanto gaúchos), depoimentos orais de líderes comunitários, sionistas e não sionistas, entre outros. O projeto de criação de um estado judeu passou a tomar corpo no final do século XIX, na Europa e alguns imigrantes que se radicaram no RS traziam experiências desse movimento. A partir dos anos 1920 observa-se uma lenta participação de membros da coletividade e a imprensa gaúcha já notifica a vinda de representantes sionistas ao Sul. Será durante a década de 1940, especialmente após o término da II Guerra Mundial que ocorrerá no interior da coletividade judaica uma intensa movimentação em torno desta proposta política. Choques institucionais, rixas pessoais, criação de instituições, filiação a partidos políticos judaicos, programações políticas, sociais, radiofônicas, teatrais se avolumam, a maioria delas simpáticas à criação do Estado. Todo o movimento acima sumariado, é evidente, repercutiu no interior desse grupo étnico, levantando questões íntimas a respeito de sua identidade. O judeu que se via como gaúcho – brasileiro, vivencia novas fronteiras étnicas; grupos defendem a necessidade de uma participação efetiva ao projeto de criação do Estado, enquanto outros são simpatizantes do fortalecimento de uma identidade nacional brasileira e regional gaúcha. Instala-se em muitos membros da coletividade uma crise identitária, pruridos éticos e/ou sentimentos locais, nacionais marcam conflitos individuais, familiares, grupais e políticos. Porém, em poucos anos, apesar da formação de grupos com opiniões antagônicas, sejam os sionistas fervorosos e os que têm dúvidas quanto a sua participação no movimento, a corrente sionista se fortalece, acrescentando mais um hífen à identidade do judeu-gaúcho, agora sionista. A internalização de uma consciência de cunho nacional, de fidelidade a um estado ainda embrionário foi um processo de construção permeado por conflitos e resistências que redundaram em transformações identitá-

as ao grupo étnico em estudo. Na análise das fontes orais, sejam os depoimentos de partícipes do movimento ou apenas simpatizantes, tais conflitos estão subsumidos, tanto aqueles manifestados no interior do grupo como os que ocorreram extra-coletividade.

---

### **Fragmentos de memória coletiva, testemunho e identidade**

Maria Luiza Martini / UFRGS (RS)

Recolhemos fragmentos de memória coletiva e testemunhos para contribuir qualitativamente numa pesquisa sobre o perfil de crianças e adolescentes em situação de rua, em associação com dados estatísticos obtidos em questionário. Para criar um ponto de vista sobre essa população classificada em situação de rua, adotamos conceitos abrangentes, aplicáveis a qualquer indivíduo ou grupo, e personalizantes, capazes de mostrar em que as pessoas podem ser parecidas no pertencimento a uma dada cultura e seus valores. Entendemos por processo de identificação uma forma de representar-se – traduzir-se (Sou como quem? Sou diferente de quem? Gostaria de ser como quem?) num quadro ou contexto cultural onde se formam memória e percepção de indivíduos, grupos, comunidades, associados à produção cultural, a uma escala de valores afetivamente construída e a orientações de comportamento, isto é, como agir. Nesse sentido, é sempre significativo lembrar os muitos meninos com quem já cruzamos, vestidos de Batman, de policial, de meninas com xiquinhas da Xuxa ou tantos outros adereços da Barbie. Isto, para não recair num vazio semântico em que a categoria “identidade” é abstraída do desejo e do afeto, da rejeição e do ódio, com rostos, corpos e lugares. Interessa-nos, do ponto de vista da conexão entre história e memória, elementos culturais, testemunhos diretos, documentados; assim como testemunhos indiretos (não gravados).

---

### **Entre o “primordial” e o “construído”: as identidades sob análise**

Regina Weber / UFRGS (RS)

Existe uma nem sempre explicitada divergência entre o discurso dos grupos sociais unidos por uma identidade comum e o discurso daqueles que teorizam sobre tais identidades. O raciocínio aqui exposto pode valer para qualquer gênero de identidade, mas destaca-se o caso da identidade étnica. As comunidades étnicas “sentem” que pertencem a um coletivo, pertencimento que é garantido pela “essência” do seu ser, que é confirmada pela memória do passado comum do grupo. As teorizações sempre demonstram o quanto

essa identidade é construída, atribuída, cambiante, variando conforme o contexto espacial e histórico, sendo, portanto, circunstancial. Quais os limites de convivência de ambos discursos?

---

### **Gaúchos em Roraima: memória, regionalismo e identidade**

Carla Monteiro de Souza / UFRR (RR)

O presente trabalho é parte de um projeto de pesquisa desenvolvido ao longo de dez anos, cujo tema é a migração de gaúchos para o estado de Roraima, e que tem como principal suporte documental entrevistas orais. Nesta ocasião, discuto um perfil identitário do gaúcho que vive em Roraima através da abordagem da categoria regionalismo. Viver em outro lugar, reestruturar relações humanas, espaciais e temporais é tarefa complexa, na qual o movimento de desenraizar e enraizar é constante. Ao contar o que viveu e vive, o migrante gaúcho parte daquilo que considera ser o seu começo, origens e elementos constituintes, configurando e dando sentido às noções de identidade e pertencimento. Neste aspecto, existe um certo “enraizamento” territorial original que impregna o ser dos indivíduos e suas relações. Ser gaúcho em um outro lugar, portanto, implica atos, ações, falas e discursos nem sempre possíveis e viáveis, mas que adquirem significado quando lembrados e narrados. As narrativas evocam um passado histórico, “real” e consolidado, que valida a identidade reivindicada, evidenciando a associação entre espaço/cultura. Como afirma Bourdieu, o discurso regionalista é sempre performativo. Nas falas dos gaúchos, o discurso regionalista é eficiente, pois contém forte conteúdo identitário. Observa-se que a relação entre espaço, cultura e origem regional está sempre presente. É naturalizada, imprimindo forte conteúdo identitário às narrativas. Ao ressignificar e entrecruzar o lugar de origem e o de adoção, o migrante justifica a permanência e o enraizamento em Roraima, assim como a manutenção da sua identidade individual, social e regional. Esta é uma situação previsível nos processos de migração. No entanto, no momento da narrativa é um recurso fundamental, explicativo de comportamentos, de ações, de decisões, de negociações e de concessões, enfim, de tudo que, em última instância, dá sentido a vida no presente e que justifica a migração.

---

## Memória e identidade – um estudo das trabalhadoras do Banrisul – 1943-45

Áurea Petersen / PUCRS (RS)

Em minha exposição, apoio-me nas colocações de Maurice Halbwachs que propôs o conceito de memória coletiva. Considero que a memória tem um papel fundamental na construção da identidade de um grupo social. Por essa razão, trabalhei com a memória coletiva das primeiras trabalhadoras do Banco do Estado do Rio Grande do Sul (Banrisul), em pesquisa realizada na década de 1990, utilizando a história oral. Era meu objetivo reconstruir a identidade do grupo estudado. A pesquisa procurou esclarecer que fatores que motivaram a decisão de várias mulheres de trabalhar em um banco; porque escolheram essa profissão; qual foi a reação da família frente à escolha; de que natureza eram as relações entre homens e mulheres no banco; como era a questão salarial e ascensão profissional de homens e mulheres, como as trabalhadoras conseguiam atender as tarefas decorrentes da profissão e dar conta das obrigações familiares; e, finalmente, quais os principais valores e atitudes das primeiras trabalhadoras do Banrisul. Foram ouvidas oito mulheres de dezenove que ingressaram no Banco entre 1943 e 1945 e, a partir memória dessas mulheres, foi possível, pouco a pouco, ir reconstruindo a identidade do grupo. Esteve sempre presente, no trabalho realizado, a observação de Ecléa Bosi: “Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado”.

---

## Comunicação I: Memórias e vestígios sobre a urbanização de Canoas

Danielle Heberle Viegas / UNILASALLE (RS)

Esta comunicação visa a apresentação das primeiras conclusões de trabalho de iniciação científica intitulado Memórias e vestígios da urbanização de Canoas, agregado ao projeto Memória Lassalista. Busca-se, através dos testemunhos orais dos Irmãos Lassalistas, a reconstrução do processo histórico da urbanização do município. Metodologicamente, a utilização da História Oral permite a verificação da ótica de determinado grupo sobre o espaço e suas transformações – sociais, culturais e simbólicas; engloba as diferentes temporalidades da memória, a relação e confronto entre evidências orais e visuais, a pesquisa (transcrição e seleção de depoimentos), as coesões comunitárias e identificadoras geradas entre os indivíduos, bem como as percepções e vínculos estabelecidos na região. Analisar o desenvolvimento da cidade de Canoas, seu espaço e paisagens, em especial a partir da década de 1930, faz do urbano o objeto da reflexão no instante em que se relembra esse processo nas retóricas, e, a partir daí, resgata-se cenários, personagens e monumentos, sua interdependência e abismos entre si, remontando a uma ordem cultural e socialmente passada, mas perpetuada e eleita pela memória. Os testemunhos dos lassalistas são, nesse sentido, fontes a serem decodificadas e elucidadas no presente.

---

## Comunicação II: Ipatinga-MG: a memória do eldorado mineiro

Paulo Roberto de Souza / UFU – Uberlândia (MG)

O que acontece no seio de uma sociedade que faz transformar uma região naturalmente habitada em um iminente Pólo Siderúrgico do País? Como a sociedade ainda em formação, assimila a cultura geral vinda dos diversos cantos do Brasil, criando entre si um vínculo existencial, que impulsiona um lugarejo a transformar-se em uma cidade cuja presença é garantida entre as que mais arrecadam em Minas Gerais? Um raciocínio simplista devolveria a resposta afirmando que a chegada da Usiminas a esse lugarejo consubstancia-se no fato gerador de tais transformações e seu marco inicial é o lançamento da pedra fundamental ocorrido em 1959 pelo então Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira. Todavia, há de se considerar que entre o marco inicial e o momento mais vivo na memória dessa população, “O Massacre de Ipatinga”, a ação do homem foi decisiva na transformação da natureza e na formação dos elos existentes entre trabalhadores, empresa e cidade, que é o objeto deste estudo. Nascia Ipatinga (MG). Estruturada sob o signo

da monoindústria denominada Usiminas, seu nascimento foi condicionado à afluência de um contingente de trabalhadores oriundos das mais diversas regiões do país e portadores de correntes políticas de diversos matizes. Esse conjunto de fatores marcou a formação da cidade de Ipatinga, permeada por conflitos sociais e a crença em um novo eldorado. O objeto da presente proposta é recuperar, nas muitas narrativas dos trabalhadores, o significado do eldorado e suas esperanças em uma terra distante, reconstruindo, através dos discursos, esse período de grande importância na formação da cidade.

---

### **Comunicação III: Lembranças das cidades**

Wilma Lemos / IMES – Universidade Municipal de São Caetano do Sul (SP)

As lembranças que por muito tempo permaneceram na memória da região do ABC atribuíram ao local a designação de subúrbio, para caracterizar os confins da cidade de São Paulo ou a zona rural que lhe era imediatamente próxima (Martins, 2002). Por muito tempo se escreveu a história do Grande ABC a partir da sua condição periférica em relação à capital, uma vez que era vista como extensão e interdependente da cidade de São Paulo. Mas, por não identificarem-se com os agentes da história oficial, seus moradores passaram muito tempo acreditando que não tinham história. No entanto, a memória permaneceu, pois a cada pessoa se atribui a condição de interagir em duas espécies de memórias, as individuais e as coletivas. De um lado, a lembrança individual é somatória de experiências vividas ou narradas, que são apreendidas ou não por meio de critérios, objetivos ou subjetivos, no quadro de cada personalidade singular. Por outro lado, existe um conjunto de lembranças compartilhadas com outras pessoas ou grupos e que se tornam impessoais. Dessa forma, pode-se inferir que o subúrbio não escreveu sua própria História, mas não deixou de constituir sua memória coletiva, apreendida de uma história de vida, e não de uma História escrita. Volta-se, então, para a questão do resgate da memória regional, no sentido de uma nova forma de comunicação do imaginário e da identidade regional, a fim de contribuir para o movimento de re-elaboração da história das cidades do Grande ABC. O Núcleo de Pesquisas Memórias do ABC, que atualmente se desenvolve no IMES – Universidade Municipal de São Caetano do Sul, pretende registrar a memória individual dos moradores da região a partir de técnicas da história oral recontando a história local a partir das lembranças das cidades.

---

#### **Comunicação IV: A modernização do espaço urbano na cidade de Pelotas e a CTMR: algumas considerações**

André Luís Borges Lopes / PUCRS (RS)

A presente comunicação configura-se em um breve e sucinto esboço da pesquisa que empreendo para a realização de minha dissertação de mestrado, tendo como foco central de análise a modernização do espaço urbano em Pelotas a partir da Companhia Telefônica Melhoramento e Resistência (CTMR). A presente pesquisa utilizará como base referencial de análise as narrativas dos depoentes, a documentação produzida pela companhia e os jornais da época.

---

#### **Comunicação V: Cidade e memória geracional: a “turma do kiosk” no processo de metropolização de Florianópolis, SC (1970-1980)**

Jefferson Rafael da Fonseca / UFRGS (RS)

A década de 1970 foi de intensas transformações em Florianópolis. Até então, era corrente nos discursos sobre a cidade a idéia de que a capital catarinense vivia uma situação perene de atraso e provincianismo, para a qual a única alternativa de superação seria a aclamada “modernização”. Traduzida em industrialização, verticalização e mudanças culturais, esta modernização deu passos efetivos durante as décadas de 1950 e 1960, tornando-se evidente nos anos setenta. Estes processos atraíram para Florianópolis uma onda migratória, onde destacamos dois grandes grupos: trabalhadores de outras regiões do estado, em busca de chances de emprego; trabalhadores qualificados, vindos de outros estados especialmente para ocupar postos na Eletrosul e na UFSC. Este grupo, principalmente, interfere nas posições do espaço social, diminuindo o peso relativo de uma parcela da elite local. Ao pesquisar a trajetória biográfica e as notas do jornalista Beto Stodieck – que nas décadas de setenta e oitenta escreveu uma das mais importantes colunas sociais catarinenses – percebemos as estratégias de defesa, afirmação e distinção encampadas por jovens pertencentes a esta parcela da elite, cuja posição de destaque no espaço social devia-se, majoritariamente, ao capital cultural acumulado por suas famílias e que, diante da chegada de “estrangeiros” – portadores de capital cultural e econômico, em geral, maior ou igual ao seu – sente-se ameaçada. A resistência à “invasão” acontece através da afirmação de práticas de distinção, onde a coluna social e a apropriação de determinados espaços da cidade como “espaços dos nativos”, merecem destaque. Um destes espaços foi o Kiosk do Largo Benjamin Constant, transformado por este grupo juvenil em referencial da geração que ainda hoje se reconhece como a “Turma do Kiosk”. A presente etapa desta pesquisa busca, através de entrevistas com os membros da “turma”, identificar as formas

de construção e manutenção da memória geracional e as relações entre esta auto-afirmação e as lutas simbólicas travadas na cidade que se transformava.

---

#### **Comunicação VI: Possibilidades de uma pesquisa sobre memória e identidade do rádio em Novo Hamburgo através da história oral**

Alessander Kerber / Centro Universitário FEEVALE e UFRGS (RS)

Neste trabalho, propõe-se uma análise das possibilidades de uma pesquisa sobre a memória e identidade da música nas emissoras de rádio em Novo Hamburgo, da década de 50 aos dias atuais, utilizando-se, para tanto, da história oral. Entendendo a cidade como, além de materialidade, sociabilidade e, conseqüentemente, um espaço de construção de identidade que pode se expressar através de representações musicais, propõe-se, através desta pesquisa, também uma análise da própria identidade de Novo Hamburgo, sendo que as emissoras de rádio locais trazem uma programação musical voltada para este público.

---

#### **Comunicação VII: Projeto Clubes Carnavalescos Negros em Pelotas: depoimentos**

Fernanda Oliveira da Silva, Viviani dos Santos Tavares, Débora Clasen de Paula, Marcele Victória dos Santos, Beatriz Ana Loner (coord.) e Lorena Almeida Gill (colab.) / UFPel (RS)

A comunicação apresentará o projeto Clubes Carnavalescos Negros em Pelotas, analisando a história dos clubes que surgiram nas décadas de 1910 e 1920. Em Pelotas, em especial, a etnia negra formou uma rede associativa completa que incluía sociedades mutualistas, esportivas, religiosas, recreativas e carnavalescas. Esta rede, que teve início ainda nos últimos anos da escravidão, serviu como fator de integração social e cultural da etnia. É no início do século XX que surgem os principais clubes, os quais se caracterizaram como reduto da etnia: Depois da Chuva, Chove não Molha, Quem Ri de Nós tem Paixão e Fica Ai Pra Ir Dizendo. Este projeto objetiva “recuperar” a memória dos clubes, detectar relações e diferenciações entre eles, analisar a sua importância para a congregação da etnia e re-agrupar a documentação dispersa relativa à trajetória dos mesmos. Para atingir tais objetivos o projeto utilizou-se de pesquisas em fontes documentais – jornal A Alvorada, outros jornais diários e documentos existentes nos clubes – e fontes orais – entrevistas com sócios antigos, principalmente aqueles que têm ou tiveram maior vivência dentro dos clubes. A presente comunicação apresentará brevemente o projeto e dará ênfase à fonte oral como metodologia de pesquisa. A partir das entrevistas

realizadas abordaremos: como se estabeleceram as redes de depoentes, quais os critérios adotados para a seleção dos mesmos, como se deu a elaboração e alteração de um roteiro norteador e quais as dificuldades encontradas na realização das entrevistas.

---

### **Comunicação VIII: Memórias da Cidade: Pelotas através da voz de seus moradores**

Mariluci Cardoso de Vargas, Mário Augusto Correia San Segundo,  
Lorena Almeida Gill (coord.), Beatriz Ana Loner (colab.) / UFPel (RS)

O projeto “Memórias da Cidade: Pelotas através da voz de seus moradores” parte do pressuposto de que o século XX, recém encerrado, foi uma época de profundas transformações. As pessoas que o viveram presenciaram grandes mudanças, ao longo de suas vidas, de sorte que, em uma retrospectiva, várias delas poderiam dizer que nunca imaginariam, em sua juventude, tudo o que lhes sucederia posteriormente. Esses momentos de aceleração das transformações no cotidiano são poucos na história do mundo, e deve-se preservar testemunhos a seu respeito. A pesquisa busca exatamente captar as experiências de homens e mulheres que viveram neste tempo, em uma cidade interiorana, mas importante do Brasil, visando apreender seu olhar, suas reações, sua participação frente a todas essas mudanças. Assim, esse trabalho, muito mais do que apenas coletar depoimentos, pretende dar corpo a idéia de montagem de um centro especializado em Memória, que possa alavancar novas pesquisas, reunir acervos do Núcleo de Documentação Histórica (NDH / UFPel) e de outros órgãos, treinando estudantes na prática e na construção da História, através dos novos meios proporcionados pelo uso da informática. Para a execução da pesquisa estamos utilizando a História Oral de Vida. Nas entrevistas, as perguntas levam em conta uma espécie de periodização de vida, como a infância, a adolescência, o trabalho, a maturidade e assim por diante. Esse tipo de depoimento tem um caráter bastante subjetivo, uma vez que diz respeito diretamente às vivências individuais. Para cada um dos depoimentos está sendo preparado um roteiro personalizado de perguntas, baseado em um conhecimento prévio do depoente. As entrevistas são realizadas no local em que o depoente se sente mais confortável, havendo na maioria das vezes mais de um encontro.

---

### **Comunicação IX: Na memória da cidade, uma leitura de múltiplas imagens**

Adriana dos Santos Moraes e Marise Soares Corrêa / PUCRS (RS)

História e Literatura apresentam-se como formas lingüísticas que pressupõem um processo e estratégias de organização da realidade, ultrapassagem do documento X ficção; fato/verdade X imaginário. Constituem-se busca de aproximação, significação e polissemia através do imaginário, já que ambas são construídas fora da experiência vivida, real, reconfigurando um passado que reside na memória. Memória que se confunde em conceitos e se torna objeto da História. Memória de muitas imagens, colocadas num tempo em que diferentes níveis de duração coexistem. Opondo-se às normas historiográficas, preocupadas com a natureza da representação realista, cuja imposição de uma visão de ciência fechada contrapõem literatura, ficção e história, buscam o espaço de manifestação, criando uma imagem da história diferentemente da apresentada pelo positivismo histórico e, em que pese a possibilidade de participação atuante da imaginação, em coexistência com um racionalismo/objetivismo, temperando a História. A modernização que se impõe por volta de 1870 propõe novos questionamentos à cidade letrada, fruto da formação produzida pela universidade. Gazetas populares, folhas soltas e revistas incorporam-se à letra, desafiando seu poder, à medida que contrapunham formas de representação para a realidade. Em Porto Alegre, onde já se podiam perceber os efeitos daquilo a que se denominava modernidade, observava-se, ainda, uma valorização e busca dos ideais republicanos. Quando a cidade real muda, se destrói e se reconstrói sobre novas proposições, a cidade das letras encontra a conjuntura favorável para incorporá-la à escritura e às imagens que estão igualmente datadas, privilegiando o desejo aos dados reais que se inserem através de imposições ideológicas.

---

### **Comunicação X: A Casa de Cinema de Porto Alegre: uma trajetória contada através da história oral**

Francine Zanchet Grazziotin / UPF – Universidade de Passo Fundo (RS)

Este trabalho é parte da dissertação de mestrado desenvolvida pela autora na qual pretende mostrar, à luz da História Oral, a criação e consolidação da Casa de Cinema de Porto Alegre como centro produtor de cinema fora do eixo Rio – São Paulo. Baseado em entrevistas com integrantes das duas fases e pesquisa bibliográfica, reconstitui-se a história da Casa e discute-se os filmes de longa metragem lançados até o momento. O início da Casa de Cinema se deu em um dos períodos mais conturbados da cinematografia brasileira, ou seja, no final da década de 1980, com o sucateamento da Embrafilme (Empresa Brasileira de Filmes) e sua extinção de

fato e de direito com o então presidente da República Fernando Collor de Mello, em 12 de abril de 1990. Mesmo nesse cenário pouco favorável, 13 jovens se unem para dar um endereço ao cinema gaúcho. E as mudanças de rumos, nem sempre esperadas ou planejadas, transformaram a cooperativa de 13 sócios em uma empresa com seis sócios, sempre mantendo recursos humanos suficientes para a realização de filmes (o quadro de sócios sempre manteve diretores, roteiristas e produtores executivos). Pessoas que dedicaram seu tempo a criar filmes em curta-metragem como Ilha das Flores e acabaram colocando o Rio Grande do Sul no mapa dos grandes festivais internacionais, em parceria com a Rede Globo fizeram adaptações de obras literárias para a televisão e partiram para os filmes de longa-metragem, num amadurecimento, não só da produção em si mas também dos próprios atores na luta pela regulamentação da atividade cinematográfica no Estado e no país.

---

### **Comunicação XI: Araxá na voz de Yolanda: um dia na estação de águas (anos 30 e 40)**

Glaura Teixeira Nogueira Lima / PUCSP (SP)

O cotidiano de uma cidade-balneário como Araxá, em Minas Gerais, deixa à mostra a complexidade de tensões nela vividas e que se revelam por meio de diversas experiências individuais e em grupo. Neste sentido há um mundo que gravita em torno dos hotéis, do balneário e dos serviços urbanos. Como lugares de descanso, de cura dos males do físico e da mente, de divertimentos e de trabalho, estes permitiram a criação de outros espaços sociais, inclusive recíprocos, fortalecendo os contrastes entre o dia e a noite. Assim, a cidade tem seu próprio cotidiano e aquele que se projeta para as temporadas. Como vivem moradores e moradoras locais e como estes convivem e recebem os “aquáticos”, aqueles que fazem uso das águas? Quem são essas pessoas que têm o privilégio de desfrutar da estação balneária? Como se dá a visibilidade ao rompimento da rotina local? Ainda que as redes de sociabilidade e de reciprocidade pudessem ser mantidas com os atrativos diurnos e, ainda, tantos outros noturnos, é oportuno analisar como se apresentam as relações sociais, entre esse tempo de euforia e de descobertas, vivido em um espaço de representações mágicas. Por meio das vozes dos seus freqüentadores (as) é possível perceber que a cidade-balneário viveu sua fixidez ao mesmo tempo em que iluminou a existência de manifestações espontâneas. A quebra do ritmo com as temporadas de banhos pôde significar a existência mútua entre a regularidade e a espontaneidade de uma estação de águas.

---

## **Comunicação XII: São Luiz Gonzaga: fragmentos & memórias**

Sonia Bressan Vieira / Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI (RS)

Na pesquisa, a cidade é analisada segundo uma perspectiva histórica, buscando analisar espaços & memórias das relações entre sociedade e imagem em São Luiz Gonzaga/RS – núcleo básico de investigação, com base na história oral, no período que abrange as seis primeiras décadas do século XX. A pesquisa objetivou buscar a memória histórica e representações coletivas do imaginário de prédios de São Luiz Gonzaga identificando permanências e transformações, semelhanças e diferenças. Pretende responder à questão: quais são, como surgiram e se desenvolveram alguns dos prédios considerados significativos para a cidade – hoje, com mais de trezentos anos de história –, como espaço urbano organizado, após dois séculos do assentamento jesuítico? Através da História Oral, é construída a memória de fragmentos da cidade utilizando, além de fontes documentais, fontes iconográficas, como a fotografia, com um recorte temático definido – Retratos – e posterior análise comparativa. A vida arquitetônica da cidade é reproduzida pelas imagens que passam a tomar posições legítimas e autênticas, ao lado de depoimentos orais. No trabalho, os conceitos de história oral, de história do tempo presente, de cidade, de representação e de fotografia, são elucidativos. A pesquisa aponta resultados significativos para a construção da memória histórica da cidade.

---

## **Comunicação XIII: Pelo fio da lembrança**

Regina Bittencourt Souto / UDESC/SME (SC)

Esta apresentação está relacionada à pesquisa de campo que realizei entre 2002/2003, em Florianópolis, para a qual foram entrevistados 26 moradores da cidade, com o objetivo de analisar movimentos de resistência à repressão militar, enfocando como esses personagens, ao transitarem na imprensa alternativa, no movimento estudantil e no movimento pela anistia, utilizavam-se de humor e criatividade como estratégia de contestação à repressão, aos silêncios, à censura e às perseguições políticas. Na perspectiva da cultura, são percebidos os espaços de circulação e sociabilidades, os significados rememorados dos lugares de boemia, das festas, dos bares, sendo possível perceber uma nova cultura urbana se instaurando na cidade. Através dos relatos dos depoentes, pretendo focalizar suas experiências e como as representam, localizadas no tempo da fala, e do lugar social que estão ocupando na atualidade. Ao narrar suas experiências sobre um determinado passado, o narrador relembra, recupera, seleciona e silencia suas lembranças,

intervindo nas imagens guardadas, plenas de significados, nas quais o caráter temporal se desloca da temporalidade linear, para o apreendido na temporalidade das experiências que registram as rupturas, as transformações e continuidades no tempo. Se as lembranças de um tempo que já passou estão entrelaçadas com as experiências do viver o presente, observo que as pessoas entrevistadas representavam Florianópolis como uma pequena e tranqüila cidade, quase sem mobilidade cultural e social no período analisado. No entanto, se por um lado algumas de suas lembranças representam essa imagem, por outro refazem um ambiente em efervescência cultural e social, no qual projetos culturais, festas e a boemia faziam parte das suas atividades. Cultura, experiência e memória são categorias que percebo a partir de fontes orais, jornais, revistas e imagens da época, com o cuidado de análise na perspectiva dos estudos históricos.

---

#### **Comunicação XIV: Uma análise de percepções de alunos da rede pública de ensino de Marechal Cândido Rondon – PR sobre patrimônio e bens culturais do município**

Méri Frotscher / UNIOESTE (PR)

A comunicação tem como objetivo analisar resultados de pesquisa realizada com alunos da rede pública de ensino de Marechal Cândido Rondon, município situado no Extremo Oeste do Paraná, visando perceber as diferentes noções de patrimônio cultural entre eles existentes. Outro objetivo da pesquisa realizada através de enquetes, com 416 alunos, foi levantar quais bens culturais foram citados pelos alunos como importantes de serem mais valorizados através de políticas de preservação patrimonial. Através das enquetes, pôde-se perceber que a maioria dos alunos entrevistados desconhece o que seja patrimônio ou tem noções conservadoras sobre o assunto. Muitos dos bens culturais citados são “lugares da memória” criados e/ou valorizados pela memória das elites do município no espaço público, tendo sido pouco referenciados bens culturais de grupos sociais menos favorecidos economicamente, assim como bens imateriais. Os significados destas e outras informações obtidas através da pesquisa serão objeto de análise nesta comunicação, articulando-se reflexões sobre memória, cidade, patrimônio e educação. Tais resultados fazem parte de projeto de pesquisa mais amplo que tem como objetivos produzir e coletar fontes que permitam investigar experiências de ocupação e construção de espaços de moradia no município e as percepções acerca deste processo e, ao mesmo tempo, propiciar discussões e atividades de educação patrimonial.

---

## **Comunicação XV: Volta à Terra: Memória e Identidade das populações rurais que participaram do fluxo migratório ao centro urbano de Curitiba (1970-1980)**

Caroline Baron Marach / UFPR (PR)

O período de 1970 a 1980 representa um marco na história populacional do Paraná, visto que nesta época um grande contingente saiu de outras cidades do Estado, bem como de outras regiões do país, migrou para os principais centros urbanos paranaenses da época, como Curitiba e Ponta Grossa. Nesta época dava-se, então, a chamada “Revolução Verde”, quando o Governo do Paraná seguindo o modelo tecnológico para a agricultura de origem norte-americana, deu início a um processo de modernização do setor primário. A incorporação de novas tecnologias nesse setor aumentou significativamente sua produção, tornando-se conseqüentemente mais rentável às finanças do Estado. Contudo, sob o ponto de vista social, a modernização agrícola impossibilitou ao pequeno produtor de concorrer com as grandes fazendas. O aparato tecnológico favoreceu a produção em larga escala, barateando o produto das empresas mecanizadas. Além disso, a utilização da máquina na lavoura dispensava a mão-de-obra humana diminuindo o número de empregados por fazenda. Diante desse processo, o pequeno camponês viu-se excluído de seu próprio meio, social e economicamente, restando-lhe a única opção de migrar em busca de novas oportunidades de trabalho. Essa população migrante é, em sua grande parte, a mesma que habita os cinturões periféricos da região metropolitana de Curitiba. Através de entrevistas realizadas com essa parcela da população, cujos relatos foram devidamente analisados, buscou-se compreender aspectos sutis do imaginário dessa parcela específica de imigrantes e estabelecer uma avaliação sobre a existência, ou não, de uma correspondência entre a cidade ideada e a cidade encontrada. Também, pretendeu-se saber qual a influência que o meio urbano teria exercido sobre a vida cotidiana desses indivíduos a ponto de, por exemplo, passarem por um processo de profunda reformulação de suas identidades.

---

## **Comunicação XVI: A problemática ambiental através da memória: história de um distrito de Campinas (SP) – Sousas**

Maria Lúcia de Souza Rangel Ricci / Centro de Memória Unicamp – CMU (SP)

Refletir sobre tal problemática, que tem como ponto de partida a cidade, deve, de início, dar conta do fato de que a realidade urbana se generaliza no espaço, sem deixar de articular teoria e prática, contemplando o subjetivo, abrindo caminho às referências, identidades, controvérsias, mudanças, a revelar toda a produção do espaço urbano. O rápido processo de urbanização em Campinas

provocou o agravamento da exclusão social, devastação do meio ambiente, violência, crescimento demográfico... evidenciando problemas de há muito conhecidos da população e dos gestores da cidade. Um dos propósitos da pesquisa vem sendo o de investigar, ao longo do processo histórico, como foi sendo construída a questão ambiental para cada segmento social a fim de identificar as marcas distintas das atuações ambientais neste Distrito, bem assim os significados atribuídos aos processos sócio-ambientais. A este III Encontro Regional Sul de História Oral apresento resultados parciais do estudo, onde algumas articulações foram detectadas, ou seja, umas, com preocupações de ordem conservacionista e outras, tratando da equidade social, numa perspectiva do sócio-ambientalismo para além do preservacionismo. A pesquisa também está voltada para a análise do espaço urbano, da cultura popular e do surgimento de movimentos sociais e/ou étnicos. A contigüidade entre riqueza e pobreza em Sosas vem sendo escamoteada por um zoneamento onde houve certa ecologia espontânea na ocupação do solo urbano, propiciada basicamente pelo custo da terra, coesão familiar e étnica.

---

### **Comunicação XVII: Os Sambaquis em Joinville: usos e sentidos na sociedade contemporânea**

Flávia Cristina Antunes de Souza / UFPR (PR)

Dentro da abordagem da história cultural e partindo do uso das fontes orais, teremos um campo de pesquisa denominado história do tempo presente, nesse campo o historiador toma os acontecimentos ainda no curso de seu tempo, ou seja, os acontecimentos ainda estão a se desenvolver. Trata-se de uma história não acabada e o papel do historiador não está em reconstruir uma história cujo final já se conhece, mas sim, compreender um processo que ainda se desdobra e do qual ele é contemporâneo, nesse sentido como afirma Chauveau “A fonte oral é privilégio do historiador do presente”. A partir do uso das fontes orais, nosso objetivo é mapear os significados atribuídos ao patrimônio arqueológico (Sambaquis) pela sociedade atual na cidade de Joinville/SC. A intencionalidade de produzir essas fontes está no entendimento de que, as impressões e interpretações que a sociedade faz do espaço em que vive, bem como os usos atribuídos ao patrimônio são essenciais para a efetivação de ações preservacionistas pautadas nas experiências vividas dos grupos que compõem a sociedade. Outro motivo que nos leva à produção desse material é a intenção de utilizar uma fonte que se caracterize num contraponto ao discurso presente na documentação institucional escrita, ou seja, é a fala de um outro agente, produzida em outras condições. É importante pensarmos que promover a preservação de sítios arqueológicos de tipologia Sambaqui não é tarefa fácil, uma vez que os laços afetivos “tradicionais”, que ligam as pessoas aos patrimônios, muitas vezes laços temporais de

proximidade, que através dos objetos expostos nos museus são rememorados, não são ativados “instantaneamente” pelos artefatos e sítios arqueológicos. Dito de outra forma é preciso lançar mão de alternativas ou artifícios que estabeleçam esse fio de ligação entre a sociedade atual e aquela de cinco mil anos atrás. Entretanto não é necessário inventar relações, elas já existem, só resta aos museus em quanto lugares de memória, promover a externalização dos múltiplos usos e significados que a sociedade atribui aos sítios, que por sua vez, também são lugares de memória.

---

### **Comunicação XVIII: Fragmentos de Memória: (Re) Descobrimo o Turismo em Pelotas**

Tania Elisa Morales Garcia, Dalila Rosa Hallal, Dalila Müller e Ida Beatriz Müller / UFPel (RS)

Cada vez mais o passado das cidades vem sendo valorizado, assim percebe-se no turismo discursos e projetos que se propõem a recuperar, restaurar, resgatar ou ainda preservar o passado e assim a memória das cidades. As visões de turismo mudam no decorrer do tempo. Assim, pode-se supor que o turismo desempenha o papel de acumulador da história, bem como é modelador pela ação de seus sujeitos históricos. Este trabalho propõe uma reflexão sobre a complexidade e a diversidade das questões pertinentes à memória coletiva do turismo em Pelotas. O intuito de tais reflexões é o de pensar o contexto histórico social do turismo na cidade. Ao longo de toda a história registrada, de certa forma, o turismo teve impacto sobre tudo e todos os que estiveram em contato com ele. Para tal foram realizadas entrevistas com pessoas que tiveram alguma participação no desenvolvimento ou estudo do turismo na cidade de Pelotas. A partir de seus relatos, busca-se recuperar a memória do turismo na cidade. Com esse procedimento metodológico, procura-se evocar a memória dos entrevistados para essas questões. Catroga (2001, p. 46) fala sobre a memória como construção seletiva, “(...) nunca pode ser um mero registro, pois é uma representação afectiva (sic), ou melhor, uma re-presentificação, feita a partir do presente e dentro da tensão tridimensional do tempo. E, nesta, o futuro é ligado ao passado por um fio totalizador e teleológico”. Este dado é importante de ser considerado, uma vez que os entrevistados fazem parte da história do turismo em diferentes momentos históricos e em diferentes lugares e recordaram com o olhar do presente. Os depoimentos também revelam que a memória dos sujeitos sobre a atividade turística na cidade está presente na história de vida deles próprios.

---

## Comunicação XIX: Urbanidade e desemprego em Pelotas: produções e reproduções da memória

Simone Valdete dos Santos / FAGED/UFRGS (RS)

A urbanidade, em sua condição moderna, está vinculada ao assalariamento, à geração de emprego, à escolarização. A pesquisa de doutorado realizada na cidade de Pelotas, no período de 2000 a 2002, a qual evidenciou os efeitos das políticas públicas de Educação Profissional para a condição de desemprego de um grupo de indivíduos, concluiu que os discursos, recorrentes nas mais diversas fontes pesquisadas, recuperam uma opulência oriunda das charqueadas a qual não voltará, e determinam na atualidade as possibilidades de assalariamento, reproduzem o que Norbert Elias nomeia como ideal do nós hipertrofiado, ou seja, um desejo de retorno ao passado que elimina possibilidades no presente, pois se Pelotas não consegue realizar o ideal do “nós” opulento, não vale a pena ser cidade. O levantamento de dados contou com o acervo documental do Gabinete da Metade Sul, do Instituto Técnico de Pesquisa e Assessoria (ITEPA) vinculado à Universidade Católica de Pelotas, do censo de 2000 / IBGE, dados da FEE (Fundação de Economia e Estatística do RS) e do acervo (sobretudo as obras raras) da biblioteca municipal de Pelotas; entrevista realizada com o coordenador do Gabinete da Metade Sul; depoimentos colhidos entre os gestores da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico e Secretaria Municipal de Educação, e registros nos diários de campo das visitas nas casas dos desempregados, participação de eventos em suas comunidades. Passagens da memória dos pelotenses envolvidos na pesquisa, dados estatísticos, obras sobre a história da cidade evidenciam mitos e verdades em relação à crise atual da cidade, refletida na situação de desemprego de muitos de seus habitantes.

---

## **Comunicação I: A tradição oral reinterpretada: novas abordagens sobre a imigração italiana no Rio Grande do Sul**

Maíra Ines Vendrame / PUCRS (RS)

Os estudos realizados em comemoração ao Centenário da imigração italiana no Rio Grande do Sul (1975) estavam ligados a um momento histórico que fez surgir obras que trataram este tema de forma mais geral, ressaltando vários aspectos, tanto sociais quanto políticos, além dos econômicos, culturais e religiosos. Os relatos orais tiveram destaque, pois imigrantes e descendentes italianos narraram as dificuldades enfrentadas. Uma variedade de depoimentos orais foi recolhida e estes se tornaram fontes documentais importantes para o desenvolvimento de pesquisas. Uma das características marcantes dessas narrativas foi a ênfase dada ao sofrimento, às peripécias e às desgraças sofridas durante o processo migratório. A análise desses depoimentos não passou por uma interpretação crítica, sendo literalmente transcritas pelos pesquisadores. Assim surgiu uma historiografia que buscou dar identidade para os descendentes dos pioneiros que colonizaram as regiões de imigração italiana no Rio Grande do Sul. Recentemente, este tema vem sendo enriquecido com outras abordagens. Novas leituras estão sendo feitas sobre as áreas de colonização italiana no estado, onde se questiona as interpretações já feitas e se levanta diferentes problematizações. Além de ganhar espaço nas pesquisas referentes à imigração italiana, as fontes orais produzidas pelos historiadores da “geração 75” também se tornaram importantes na medida que elas estão passando por uma interpretação crítica, fornecendo-nos outros aspectos para o entendimento das tradições, da religiosidade e dos costumes dos imigrantes e descendentes de italianos. Dando destaque para “histórias miúdas”, de relatos individuais, pode-se trabalhar de forma distinta com o passado, a fim de reconstruir um outro lado dessa história, que se apresenta mais complexa e contraditória.

---

## **Comunicação II: Varal de Lembranças: pensando a construção da narrativa a partir de fragmentos plurais do passado**

Cíntia Aparecida Almeida Ramos / UFRJ (RJ)

Esta comunicação tem como objetivo analisar a construção da narrativa do livro “Varal de Lembranças: histórias e causos da Rocinha”, buscando perceber a maneira como sua trama foi tecida e procurando pensar em que medida a maneira de lidar com o passado, presente na obra, permite com que ela se afaste de um fazer tradicional de história. Buscaremos também analisar como a arquitetura do texto, baseada no fluxo oscilante de memórias, entremeadas com outras linguagens, como poesias, recortes de jornais, partituras musicais, mapas, quadrinhos, fotografias etc, está estreitamente articulada com as plurais sociabilidades e com a própria

configuração física constitutivas da referida favela. A obra que aqui se apresenta como objeto de análise é o resultado da pesquisa realizada com moradores da favela da Rocinha, entre os anos de 1980 e 1982, sob a organização e coordenação das educadoras Tânia Regina da Silva e Lygia Segalla. A idéia da produção do livro surgiu a partir da percepção do silenciamento da história oficial em relação à trajetória das localidades faveladas e de seus habitantes. Resolveu-se, então, produzir uma obra onde os habitantes da localidade pudessem contar as suas experiências de vida, trazendo à tona suas memórias sobre o surgimento e desenvolvimento da favela, na qual muitos residiam desde os primeiros anos de existência daquela. O título, “Varal de Lembranças”, sintetiza de forma bela a caracterização do livro como um texto marcado pela pluralidade e pela dispersão, no qual os diferentes fragmentos de memória que o compõe são indiscriminadamente importantes no forjar de sua narrativa. As dissonâncias entre as informações concedidas pelos depoentes precisam ser consideradas a partir do caráter seletivo e de constante reformulação de suas memórias, onde as experiências passadas nunca serão recuperadas em sua integralidade, pois a cada lembrar o passado se reinventa informado pelo presente.

---

### **Comunicação III: Guiné-Bissau: as muitas faces de uma nação**

Jônatas Marques Caratti / UNILASALLE (RS)

Guiné – Bissau é um país de contrastes. Tem uma política frágil e as poucas escolas que existem no país normalmente estão em greve. São 27 etnias dentro de um pequeno território que equivale ao estado do Sergipe. A maioria dos guineenses está abaixo da linha de pobreza, e esse “relatório” nada satisfatório chegou a uma ONG do Brasil em 2003. Após algumas reuniões foi decidido, mesmo sem o apoio direto do governo, que enviaríamos uma equipe para cooperar com o sofrido povo da Guiné-Bissau. Assim médicos, enfermeiros, professores e músicos formaram uma equipe de 16 pessoas que levariam apoio à saúde e à educação do país africano. Esta oportunidade me levou a viver, durante duas semanas, como um africano. Foram poucos banhos, pouca comida, mas as muitas experiências me levaram a esquecer de todas as privações. Sendo assim, os muitos depoimentos que obtive dos guineenses, me levaram a preparar, mediante a História Oral, o atual trabalho, com uma nova visão sobre os povos africanos. Proposta: Relatar depoimentos que obtive com membros de várias etnias, mostrar fotos do contexto social e cultural da Guiné e contar experiências com os Griôs (contador de histórias).

#### **Comunicação IV: A memória pelos fios: História Brasileira no cordel nordestino**

Vera Lúcia Cardoso Medeiros / FAPA (RS)

Esta comunicação pretende examinar como os folhetos de cordel nordestinos conservaram, na memória popular, fatos e personagens da História Brasileira Oficial através dos recursos próprios da linguagem oral.

---

#### **Comunicação V: A memória de um massacre e o massacre da memória: muitas memórias e histórias do “ massacre de Ipatinga”**

Paulo Roberto de Almeida / Universidade Federal de Uberlândia (MG)

No dia 07 de outubro de 1963, o governo de Minas Gerais, em nota oficial à imprensa, relatava “Incidentes ocorridos entre operários da Usiminas e vigilantes que constituem um policiamento particular da empresa vinham, já há vários dias, provocando clima de tensão e desentendimento naquela localidade. (...) efetivamente, foram feridos operários e populares, daí resultando sete mortos”. Passados mais de 40 anos do acontecimento, retomamos, com ex-operários da Usiminas, as muitas narrativas sobre o fato. Por meio de seus depoimentos, procuramos perceber as muitas versões, vale dizer, as muitas memórias sobre aqueles trágicos dias de outubro de 1963, protagonizados pelos trabalhadores e moradores da cidade de Ipatinga. Assim, procuramos trazer à tona as outras histórias, os elementos da memória oficial disseminada e assimilada, os conflitos entre o vivido e o narrado, a re-elaboração à luz das medidas tomadas depois do massacre, o enredo construído pelos diversos sujeitos e suas diversas posições diante dos acontecimentos.

---

#### **Comunicação VI: Bife com Feijão: crônica da infância desperta**

Cláudio Pereira Elmir / UNISINOS (RS)

Esta comunicação visa discutir o gênero crônica como uma narrativa privilegiada ao desencadeamento das lembranças. Partindo-se da crônica “Bife com feijão”, escrita por Letícia Wierzchowski e publicada no jornal Zero Hora de Porto Alegre, no dia 22 de julho de 2004, pretende-se assinalar a natureza subjetiva que move sua escritura e o alcance explicativo, desde o ponto de vista de uma memória social, que ela é capaz de dar conta. A sua atenta leitura indicia uma série de regras de organização e de funcionamento da memória. “Bife com feijão”, antes de se constituir em uma crônica, é a maneira pela qual o anúncio do nascimento próximo, mas alheio, traz de volta a infância perdida da autora.

## Comunicação VII: Quando o historiador fala de si

Janice Gonçalves / UDESC (SC) e USP (SP)

Necessariamente construindo narrativas por força de seu ofício, os historiadores vêm sendo, eles mesmos, chamados a narrar suas trajetórias pessoais. A comunicação põe em destaque e busca refletir em especial sobre algumas experiências de entrevistas com historiadores que, a partir dos anos 1990, ganharam a forma de livro e circularam com certo destaque no meio acadêmico brasileiro: mais especificamente, *A colônia brasilianista: história oral de vida acadêmica*, de José Carlos Sebe Bom Meihy (1990); *Reflexões sobre o saber histórico*, de Márcio Mansor D'Aléssio (1997); *As muitas faces da História*, de Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke (2000); *Conversas com historiadores brasileiros*, de José Geraldo Vinci de Moraes e José Márcio Rego (2002).

---

## **Comunicação I: Oralidade e visualidade na Pesquisa com Jovens Urbanos**

Daltro Cardoso Rotta / Unicamp (SP)

Este texto que ora apresento, tem por objetivo problematizar algumas questões de pesquisa com jovens integrantes do Movimento Hip-Hop da cidade de Pelotas. Faz parte de uma pesquisa maior vinculada ao programa de Pós-graduação em Educação da Unicamp. O Hip-Hop, movimento cultural e estético emergente dos fins da década de 60, congrega na forma de Blocks Parties (Festas de Rua) quatro elementos artísticos. O Mc (Mestre de Cerimônias) uma espécie de travador cosmopolita insere suas rimas ferozes, de caráter denunciativo sobre uma base composta de outras músicas e sons. Os Dj's, bricoleurs musicais preparam as bases cujo Mc canta, ressignificando o uso das antigas pick-ups de discos de vinil e introduzindo recursos sonoros através de um mixer e de repentes eletrônicos. Os grafiteiros, muralistas contemporâneos, tatuam sua arte sobre o tecido decrépito das periferias: pontes, muros, ruas. Por fim os B-boys, dançarinos que encenam nas calçadas a vida e a cultura cosmopolita, um misto de outras práticas e símbolos corporais, lutas, propagandas televisivas, práticas circenses e capoeira, todos amalgamados pelo movimento swingado das músicas Funk e Soul. Serão problematizadas, por meio de oralidade e visualidade, a emergência de uma prática de sociabilidade e educabilidade criados pela cultura Hip-Hop nos bairros de periferia na cidade de Pelotas, ressaltando o caráter educacional não formal que engendra no diversos espaços onde acontece, seja na escola, na rua, em festas, nos Programas em Rádios Comunitárias e nos vários projetos sociais nos quais seus atores estão envolvidos. Utilizo a História Oral entendida como metodologia singular no trato de suportes variados para a constituição da memória corporal deste movimento. Foram feitos depoimentos orais além de um acervo imagético dos Grupos Consciência Negra Rappers e Piratas de Rua Crew, grupos acompanhados na pesquisa.

## **Comunicação II: História oral e representações: o refletir sobre a educação e o diálogo com alguns protagonistas do campo educacional**

Cláudia Regina Costa Pacheco, Josiane Tomasi da Silva, Nadia Beatriz Casani Belinazo, Patrícia Mruz e Jorge Cunha  
 UFSM – Universidade Federal de Santa Maria (RS)

A aliança entre a História Oral e a teoria das Representações Sociais configurou-se numa possibilidade de se restabelecer a voz docente. O uso da História Oral Temática como metodologia possibilitou um refletir sobre as concepções de professores no que tange a violência e o autoritarismo. Diante disso, realizou-se um estudo de cunho bibliográfico que constituiu-se no suporte teórico para

toda a pesquisa. Aliado a isso, foram realizadas entrevistas com professores de Ensino Fundamental da Rede Escolar Pública e Particular de Santa Maria -RS. Tendo como pressuposto que a melhor maneira de falar sobre a educação é a partir do diálogo com os seus sujeitos, sobretudo com aqueles que fizeram uma opção pelo educar, julga-se necessário o trabalho a partir das falas e anseios docentes, objetivando uma melhor compreensão da violência, vista como um fator que vem permeando os mais distintos lugares, sendo, muitas vezes, banalizado pela falta de reflexão sobre os seus significados e suas diversas faces. Com o intuito de construir laços entre a teoria e a prática, as representações docentes foram relacionadas às teorias estabelecidas por diversos estudiosos da violência e do autoritarismo – Arendt (1985), Morais (1986), Odalia (1991), entre outros. No que se refere a História Oral e Representações Sociais, autores como Meihy (1996) e Jodelet (2001) constituem-se nas bases teóricas. Compreender a violência a partir das representações docentes configurou-se numa busca por um decodificar da vida cotidiana. Ao dialogar com os professores buscou-se (re)pensar a violência na escola, (re)viendo, com isso, a sociedade que os constitui e por eles é constituída. Tem-se a convicção de que os professores críticos e conscientes da realidade na qual estão inseridos, baseada na complexidade, na incerteza e no risco, poderão não apenas ter uma história, mas construir as suas próprias histórias, nas quais eles deixarão de ser meros espectadores para serem protagonistas conscientes de si e do mundo.

---

### **Comunicação III: História e narrativas de professores particulares de piano**

Adriana Bozzetto / FUNDARTE/UERGS (RS)

O presente trabalho, construído a partir de minha dissertação de Mestrado (UFRGS, 1999), investigou o ensino particular de música tendo como foco histórias de professores de piano e seus percursos na construção de identidades profissionais. Para contar suas trajetórias de ensino de música foram entrevistados treze professores com idade entre 62 a 79 anos e que ministram aulas particulares de piano na cidade de Porto Alegre. A opção por esses professores está relacionada com suas experiências e vivências, considerando que ainda estavam atuantes numa fase da vida em que o senso comum toma como final, onde já não resta muito o que fazer. Tomando como referencial teórico os estudos de NÓVOA (1995), HUBERMAN (1995) e SCHÖN (1983, 1995), este estudo procurou compreender a identidade profissional do professor particular de piano a partir da análise de sua trajetória docente, tendo como método de pesquisa a história oral temática. As narrativas dos professores entrevistados, ao mesmo tempo que explicam e contextualizam essa profissão, abrem caminhos que possibilitam reflexões sobre a prática pedagógica do professor particular de piano.

A compreensão dessas trajetórias mostra que os professores entrevistados procuraram aprender através de sua experiência pedagógica, admitindo, assim, novas maneiras de ser e de ensinar em função de mudanças que foram percebendo no decorrer da prática cotidiana. O que os professores fazem e como fazem está associado a uma trajetória profissional que foi se transformando ao longo dos anos. Não se trata de experiências cristalizadas no tempo, mas transformadas pelo contexto. Além das instituições oficiais de formação profissional, os professores se formam em outros espaços, como no da experiência que advém da prática pedagógica, da sua ação como docente, do seu relacionamento com os alunos, do contexto no qual está inserido e onde ele se constrói.

---

#### **Comunicação IV: História Oral de Vida e Categorias Analíticas para Compreender o Pensar e o Agir Docente**

Maria Helena Menna Barreto Abrahão / PUCRS (RS)

O desenvolvimento da tese referente à universalidade de características do pensar e do agir docente tem sido trabalhado na pesquisa **PROFISSIONALIZAÇÃO DOCENTE E IDENTIDADE – NARRATIVAS NA PRIMEIRA PESSOA** (o que pode nos permitir uma generalização analítica), mediante a análise in concreto dessas características, apresentando extrato de narrativas em que foram explicitadas, relativamente a 24 educadores rio-grandenses. Em livros (ABRAHÃO,org.2001;2004), essas características encontram-se diluídas por três categorias que foram mais especificamente trabalhadas na pesquisa: Formação, Vida Pessoal/Profissional, Construção de Identidade. Para elaborar essa questão, revisitamos as 24 Histórias de Vida, fazendo nova leitura transversal para emprestar visibilidade às referidas características desses destacados educadores que “as fazem universais”. No seguimento, apresentamos, de modo sucinto, elementos de referência que auxiliam na construção do entendimento das características universais da teoria e da ação docente constituídas em sete dimensões (ou configuradas por sete olhares). A autora, comparando os resultados da pesquisa que coordena com os de pesquisa desenvolvida em diferentes países por Nóvoa e colegas, publicou artigo a respeito, defendendo a tese de que não obstante diferenças geográficas e circunstanciais, os educadores apresentam características que podem ser consideradas universais (ABRAHÃO, 2002). Na comunicação apresentaremos e discutiremos esta tese, apresentando as seguintes características: Formação pessoal/profissional e identificação com o ser educador; o amor pela profissão docente e o empenho na educação de pessoas; relação teoria e prática; a ocupação (teoria e ação) com o processo formativo dos educandos; a pedagogia reconhecida como processo cívico de educação; práticas pedagógicas singulares; a meta-cognição sobre o fazer docente.

---

## **Comunicação V: Cultura, Memória e Educação: um movimento em três espaços**

Carmo Thum e Vânia Grimm Thies / FAE/UFPEL (RS)

Esse trabalho é resultado de ação de pesquisa qualitativa centrada na temática da Memória histórica, tendo como um dos caminhos metodológicos os princípios da História Oral. Atuam em três espaços diferenciados, sendo um de a) reconstrução da memória pedagógica de uma escola urbana a partir dos documentos imagéticos em diálogo com os atores da época. Outro de b) reconstrução dos modos de ser de uma comunidade pomerana, no sul do RS, a partir de diversos documentos (imagens, objetos, fatos) da vida da comunidade, em diálogo com relatos históricos de um dos moradores da comunidade que ao guardar estes, possibilita um diálogo com o passado na busca de interpretação do presente. Outro trata-se de uma pesquisa que procura investigar o c) nível de letramento de uma família de agricultores da zona rural, ligado a escola da comunidade. A escola e a zona urbana são considerados como os espaços educativos de acesso a bens culturais por excelência. O espaço rural muitas vezes é considerado como o lugar apenas do trabalho braçal, desprovido de bens culturais. Ao analisarmos os dois opostos campo/cidade, sabemos que as duas são interdependentes, mas a cidade ainda é considerada como “espaço de desenvolvimento”. Através da investigação, começamos a perceber que há práticas de letramento profundas e diferenciadas na zona rural que estão encobertas por estes preconceitos. Percebemos que a escola não é a única responsável de desenvolver a prática social da leitura e da escrita, outros caminhos são possíveis e realmente existem nos espaços pesquisados. Partindo dos eixos aglutinadores (Cultura, Memória e Educação) das três investigações, consideramos que a metodologia da história oral nos permite a produção de um sentido-comum sobre os elementos constitutivos do processo históricos dos diferentes espaços.

---

## **Comunicação VI: A experiência educativa da Escola Normal Rural de Osório nas memórias de alunos/as e professores/as**

Dóris Bittencourt Almeida / UFRGS (RS)

O tema da pesquisa se inscreve nos estudos do campo da História da Educação, particularmente no âmbito da história da educação rural e da formação docente no Rio Grande do Sul. Entre tantas alternativas possíveis, próprias do ensino no meio rural, interessa-me investigar o processo de formação dos/das professores/as que compunham um grupo específico do magistério público: os/as professores/as rurais. Assim, foram investigadas as memórias dos sujeitos que estudaram ou trabalharam em uma escola normal rural

pública, a Escola Rural de Osório, nas décadas de 1950 e 1960. O ineditismo do tema da pesquisa refere-se ao fato da efemeridade dessa experiência educativa, tendo em vista que, no final dos anos 60, desapareceram os cursos de magistério rural. Além disso, eram apenas duas as escolas públicas no Rio Grande do Sul que ofereciam uma formação específica para a docência no meio rural, sendo uma delas a “Rural” de Osório. Esta escola era uma instituição distinta das demais por se afastar de uma regularidade formativa, propunha-se a capacitar jovens para o exercício da docência longe dos centros urbanos, agregando pessoas muito diferentes entre si, que buscavam, através de uma escola pública, sua inserção na sociedade e mundo do trabalho. As instituições educativas, assim como seus sujeitos, possuem memórias. As pesquisas nessa área têm mostrado uma fecundidade por permitir um outro tipo de conhecimento do passado educacional, pois valorizam as narrativas construídas pelos sujeitos nos estudos sobre a escola. A pesquisa em questão toma as memórias como corpus documental mais importante. Portanto, a perspectiva metodológica adotada identifica-se com a história oral. O trabalho ouviu as vozes de sujeitos, ex-alunos/as e ex-professores/as. Busca-se compreender como as memórias de quem viveu aquele passado são construídas no presente, bem como as implicações dessas memórias na construção dos significados histórico e educacional atribuídos à Escola Normal Rural, seja no plano pessoal, seja no âmbito da vida social.

---

### **Comunicação VII: História Oral e educação musical: um estudo sobre o programa de rádio Clube do Guri (1950-1966)**

Marta Adriana Schmitt / UFRGS (RS)

Esta pesquisa toma como objeto de estudo o programa de rádio Clube do Guri, que é investigado em seu papel de formação musical. O trabalho foi desenvolvido no Programa de Pós Graduação em Música da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como dissertação de Mestrado. Atualmente a educação tem se configurado de forma ampla, não se restringindo mais aos processos de ensino-aprendizagem realizados no contexto escolar. Múltiplos espaços estão se legitimando como locais onde se constroem conhecimentos, não se limitando mais a um único espaço. O rádio, como um meio de comunicação, encontra-se, potencialmente, entre os novos espaços de apropriação e transmissão de saberes musicais. O Clube do Guri foi um dos maiores sucessos do rádio gaúcho das décadas de 50 e 60. O programa ficou no ar durante dezesseis anos, de agosto de 1950 a julho de 1966, na emissora Rádio Farroupilha, de Porto Alegre, a PRH-2. Era destinado a crianças e jovens de cinco a quinze anos de idade, que participavam do programa, cantando, declamando, dançando, fazendo locução ou interpretando um instrumento. O programa ficou nacionalmente conhecido por

ter sido o local no qual a cantora Elis Regina iniciou sua carreira profissional. Para investigar o rádio como espaço de formação musical foi utilizada a metodologia da História Oral, recuperando a trajetória do Clube do Guri através de depoimentos de pessoas que dele participaram. A pesquisa contou com a colaboração de dois membros da equipe do programa, Ary Rego e Dayse Rego, e cinco antigos participantes, Armando Burd, Cleonice Schaefer, Darcílio Messias, Maria Helena Andrade e Roberto Gianoni, que testemunharam e vivenciaram aquele momento histórico. Suas memórias viabilizaram a construção de um documento histórico, o corpus documental do trabalho, material de referência para a análise do meu objeto de pesquisa. O somatório das lembranças e percepções individuais formaram sistemas que mantiveram viva a memória coletiva daquele período e grupo social. A análise das narrativas possibilitou o delineamento de um “mundo musical” (Finnegan apud Arroyo, 2002) que se encontrava “guardado” na memória dos entrevistados. A História Oral foi o caminho que possibilitou este estudo, trazendo informações que viabilizaram a reflexão do programa Clube do Guri como espaço de formação musical de toda uma geração de crianças e jovens que dele participaram, propiciando a profissionalização de muitos integrantes.

---

#### **Comunicação VIII: Profissão docente: uma análise das trajetórias profissionais através das histórias de vida**

Sandra Terezinha dos Santos, Joana Elisa Röwer e Jorge Luiz da Cunha / UFSM (RS)

A compreensão das experiências passadas e das ações em outras esferas da vida tornam-se foco de atenção nos estudos sobre a profissão-professor, sendo entendidas como aspectos que influenciam as motivações e as formas de atuação na prática docente, podendo através do seu reconhecimento, vir a transformar a prática pedagógica. As condições culturais e sociais da contemporaneidade, fundadas na descrença e/ou na re-significação de aspectos da modernidade, parecem exigir do professor uma nova postura humana mais do que o conhecimento e o domínio de uma nova metodologia de ensino. Dessa forma, esse trabalho analisa as trajetórias profissionais de professores de escolas públicas e particulares do município de Santa Maria – RS, Brasil, dando atenção às variáveis relacionadas com a construção dos desejos dos sujeitos docentes por meio da compreensão da produção de subjetividades. A pesquisa faz uso da História Oral para compreender em que medida a percepção do que se desejou e do que se deseja, enquanto educadores(as), se constitui em um saber necessário para o engajamento e a satisfação dos/as professores/as no decorrer de suas trajetórias profissionais e no contexto atual de suas práticas pedagógicas. Busca analisar a construção dos desejos relacionados às novas e múltiplas percepções,

práxis e sensibilizações resultantes do mundo globalizado e da produção da subjetividade capitalista que percebe o eu pessoal como inseparável do eu profissional. Esta pesquisa que se encontra em fase de estruturação das entrevistas, compreende, por meio das leituras e reflexões, que ao entender o sujeito por estas dimensões é compreendê-lo na sua relação com o mundo, o saber, o outro e consigo, expressando o caráter singular do humano que marca a relação pedagógica e funda o sentido de educar.

---

### **Comunicação IX: História de Vida de professores – refletindo sobre a construção da identidade profissional e sobre as (in)satisfações docentes**

Joana Elisa Rower, Sandra Terezinha dos Santos e Jorge Luiz da Cunha / UFSM (RS)

A escola tem lugar privilegiado nas memórias, pois, é um tempo e um espaço de formação, de construção de si e de conhecimento do outro. Impresso nas memórias, revelado pelas lembranças, o período escolar constitui identidade e alteridade, conformação e renovação. Embora o significado que damos ao que vivemos seja embasado nas recordações de nossas experiências, sabe-se que os nossos movimentos, as nossas ações resultam do entrelaçamento não só do que conhecemos, mas também, do irreconhecível e do caos, que escapou à delimitação da linguagem, e do que foi esquecido. Entretanto, o que somos é que ordena e dá sentido ao que lembramos. Assim, esta pesquisa, ao ouvir as histórias de vida de educadoras e educadores de escolas públicas e particulares do município de Santa Maria – RS/Brasil, objetiva compreender as trajetórias profissionais desses professores, inseridos no processo de ensinar e aprender. A narração dessas vivências que permite a objetivação de si mesmo, por meio da reflexão, exprime este caráter da profissão que é o de aprender ensinando. Além disso, busca perceber como as vivências em outros lugares, em outras esferas, em outros tempos influenciaram e influenciam na construção da identidade profissional e nas (in)satisfações de ser professor(a). A pesquisa que se constitui de estudo bibliográfico versado sobre diversas áreas do conhecimento, em relação à temática estudada, e faz uso da História Oral como abordagem metodológica, na modalidade História de Vida, centra-se na narração, caracterizada pela re-elaboração das vivências e memórias, permeadas pelas significações sociais e por novas experiências individuais, que expressa o entrecruzamento entre passado e presente, permitindo entender a consciência de si como trespassada por elementos múltiplos e não fixos, proporcionando a compreensão da subjetividade do outro e, desse modo, produzindo conhecimento.

---

### **Comunicação X: “O Vale Transformado”: projeto educacional e agro-pecuário do Instituto Batista Correntino (1980-1990)**

Sandra Mara Kindlein Penno e Maria do Amparo Borges Ferro / UFPI – Universidade Federal do Piauí (PI)

Este trabalho, recorte da dissertação “A trajetória da Instituição Evangélica mais antiga no Estado”, faz parte dos estudos realizados sobre a temática ‘História das Instituições Educativas no Piauí’, desenvolvido pelo Núcleo de Educação História e Memória da Universidade Federal do Piauí. Objetiva a reconstituição do ‘Projeto educativo e agro-pecuário: ‘Vale Transformado’ (décadas de 80 a 90), considerando as implicações históricas e culturais da zona rural, as relações que se estabelecem entre tempo e espaço e as relações estruturais presentes na História Educacional Brasileira. O Instituto Batista Correntino – IBC, anteriormente conhecido como Instituto Batista Industrial, destaca-se de outras instituições estudadas por sua orientação religiosa e pela sua prática pedagógica marcada pela ação de missionários norte-americanos no campo piauiense. No que se refere ao aspecto teórico-metodológico, o trabalho se situa na perspectiva da História Cultural, na busca de ampliar-se o campo de estudo, rompendo com a primazia do âmbito político e inserindo espaço para outros elementos mais amplos como a cultura. Os referenciais teóricos estão ancorados em: Thompson (2002), Walter Benjamin (1993), e Souza (2000), entre outros. Busca-se dar voz aos protagonistas da história por meio do registro das narrativas do ex-aluno e ex-diretor Dr. Hélio Fonseca e ex-aluno e ex-técnico agrícola Osvaldo Rodrigues da Silva. O Projeto ‘Vale Transformado’ consistia na criação de um programa agrário na Fazenda Sítio com qualificação de 40 famílias, envolvendo uma área de 1000 hectares no Extremo Sul do Piauí, com moradias, barragem, sistema de irrigação por gravidade e aspersão, centro comunitário com salas de aula, cozinha e refeitório, consultórios médico e odontológico, e atendimento de profissionais qualificados. O recurso para a implantação e desenvolvimento do Projeto foi oriundo dos batistas dos USA. Nesse sentido, o desafio é evidenciar a Escola Rural, como espaço de constante mudança, e proporcionar uma reflexão sobre aspectos relativos tanto ao ensino rural quanto à abrangência do Projeto para a comunidade por meio de melhoria de vida para as famílias dos alunos atendidos.

---

### **Comunicação XI: Onças e seca: desafios das escolinhas anexas do Instituto Batista Industrial – Piauí (1930-1940)**

Sandra Mara Kindlein Penno e Maria do Amparo Borges Ferro / UFPI -Universidade Federal do Piauí (PI)

Este artigo tem por objeto de estudo o processo de escolarização desenvolvido pelo Instituto Batista Industrial, IBI, nas suas Escolas Anexas e compõe parte dos estudos realizados sobre a temática ‘História das Instituições Educativas no Piauí’, desenvolvido

pelo Núcleo de Educação História e Memória da Universidade Federal do Piauí. O Instituto Batista Industrial, atualmente, denominado Instituto Batista Correntino, é a escola confessional evangélica mais antiga no Estado (1904 a 2004). A fundamentação teórica foi tecida com base em autores da Nova História Cultural, como, Thompson (1983), Pollack (1992), Souza (2000), entre outros. Assim, a metodologia busca dar voz aos sujeitos históricos que participaram da construção da história da educação na cidade, no Estado e Estados fronteiriços. O recorte biográfico refere-se às décadas de 1930 a 1940, na então Vila de Corrente – Extremo Sul do Piauí, pertencente à Comarca de Parnaíba. Apresenta o registro da memória oral da ex-aluna e ex-professora missionária Eunice da Cunha Chavier, que narra a experiência escolar a partir da primeira administração do Instituto Batista Industrial e sua experiência como uma das primeiras professoras das Escolinhas Anexas – IBI. Mediante suas palavras, vislumbra-se a possibilidade da apropriação do mito, de forma a torná-lo dinâmico e singular na própria história de vida. O exemplo de uma professora que aos 15 (quinze) anos de vida não hesitou em enfrentar o desafio de lecionar numa escola de fazenda, distante e árida, aponta a possibilidade de extrair-se a força e os meios necessários para uma transformação radical da história.

### **Comunicação XII: Uma celebração da vida: recuperando o sentido da docência no processo de construção do Memorial**

Lílian Calaça (UNIESSA), Aldecí Cacique Calixto (UNIMINAS) e Márcia Helena F. Moyzés (LUMEM) / MG

Este registro tem por finalidade compartilhar os caminhos que engendramos na investigação sobre o ensino de Didática para os cursos de Licenciatura, na Universidade Federal de Uberlândia, durante os dois semestres de 2003. Nossas primeiras análises indicavam que as possíveis respostas poderiam ser alcançadas num movimento que contemplasse a reflexão. Foi centrando nosso foco na questão da reflexão que construímos a indagação principal da pesquisa: Qual pertinência do Memorial como instrumento de reflexão na pesquisa no e sobre o ensino? Este registro tem por finalidade organizar o percurso e compartilhar nossa reflexão. Ao escolhermos esse instrumento, que privilegia as narrativas dos alunos frente às suas lembranças e experiências como alunos, tentamos ser cuidadosas quanto aos diferentes momentos abordados no texto, orientando os alunos em aula e através de um roteiro. Procurávamos deixar claro que se tratava de um relato individual, de sua história pessoal e profissional (o período de formação acadêmica), as experiências positivas ou negativas, vivenciadas ao longo de sua trajetória. O texto deveria ser a sistematização de um processo caracterizado por erros, acertos, dúvidas, angústias, certezas, incertezas, mudanças. Ainda há muito que se indagar aos

textos produzidos pelos alunos. Os memoriais dizem muito de e a nós professoras. Além da contribuição particular discutida em cada um dos cinco tópicos de análise, entendemos a pertinência desse procedimento de ensino como fator de construção de uma prática educativa que retome um sentido mais humano à docência.

---

### **Comunicação XIII: Arte sem fronteira: Hip Hop em Cascavel**

Maria de Fátima B. Ribeiro / UNIOESTE (PR)

O objetivo deste trabalho é apresentar o projeto Artesemfronteira, que se utiliza do Hip Hop como instrumento pedagógico os Rappers: são agentes ativos eficazes que não precisam de armas. Em sua luta sua voz, suas canções lhe bastam, e constatar que apesar de todo preconceito com a população pobre, principalmente os negros da periferia, uma cultura Hip Hop, sobrevive e se impõe, é a sobrevivência de uma oralidade e de uma musicalidade negra que conserva sua força. As letras dos mais diferentes compositores são ricas fontes para compreensão do cotidiano de uma época. A ênfase no Hip Hop se deve ao movimento possibilitar uma leitura do urbano e de seus diferentes territórios. A crítica social é indissociável da obra, em que elementos regionais compõem suas raízes enfrentando num ritmo musical. Nasce da periferia, possibilitando uma releitura e re-interpretação do urbano em que as mazelas sociais aparecem em forma de protesto.

---

### **Comunicação XIV: História, memória e formação: a constituição das alfabetizadoras mineiras**

Sônia Maria dos Santos / FACED/UFU – Uberlândia (MG)

Esta pesquisa está intitulada como: Histórias sobre o desenvolvimento profissional: saberes e práticas de alfabetizadores/as, ela esta sendo desenvolvida pelo Núcleo de Alfabetização e Educação Infantil da Universidade Federal de Uberlândia NUALFA/FACED-UFU. O referido Núcleo possui mais de dez anos de existência e vêm consolidando seu trabalho de pesquisa, ensino e extensão principalmente por meio de ações no Curso de graduação em Pedagogia e no Programa de Mestrado em Educação da Faculdade de Educação. O que se propõe nesta pesquisa é uma investigação sobre os saberes e práticas dos/as alfabetizadores/as egressos do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Uberlândia, tendo como base a história dos próprios sujeitos colaboradores/as. Buscaremos compreender e analisar o desenvolvimento profissional desses professores que se formaram no curso de pedagogia da UFU,

para que, inclusive, possa se avaliar e propor reformulações para possíveis melhorias qualitativas na formação desse docente. Essa investigação tem como pressuposto resgatar valores importantes para a formação do/a alfabetizador/a segundo as narrativas dos egressos do curso de pedagogia da UFU de Uberlândia. Optamos por uma metodologia que valoriza os/as sujeitos colaboradores, os/as alfabetizadores/as. Acreditamos que a história oral auxiliará a mapear o campo de atuação e ter uma visão mais realista de quem são esses sujeitos e como se deu seu desenvolvimento profissional. É diante desse quadro que essa pesquisa se propôs com o auxílio das narrativas das histórias dos/as alfabetizadores/as que se formaram no curso de Pedagogia da Universidade Federal de Uberlândia./UFU e que atuam na rede municipal, na busca de compreender o seu desenvolvimento profissional, desvelando como e em que lugares construíram seus saberes e suas práticas.

---

#### **Comunicação XV: História de vida de alfabetizadores/as de Patos de Minas**

Edite da Glória Amorim Guimarães (UNIPAM/SEMEC/NUALFA e UFU – Uberlândia) e Sônia Maria dos Santos (orientadora) UFU / MG

É no contexto de mudanças da sociedade da qual estamos inseridos que realizamos a pesquisa sobre HISTÓRIA DE VIDA DE ALFABETIZADORES/AS DE PATOS DE MINAS. O problema dessa pesquisa surge com o interesse e a necessidade de investigar o desenvolvimento profissional e os saberes construídos pelos/as alfabetizadores/as, com o desejo de evidenciar a história construída na prática de alfabetizar. Na tentativa de refletir e investigar algumas questões que me aguçam como estudiosa da área e professora do ensino superior, lembrei-me das clássicas questões de CERTEAU(1982) quando perguntou aos historiadores: “o que fabrica o historiador quando faz história?”. A metodologia escolhida para a realização desta pesquisa foi a História oral de vida por acreditarmos que poderá auxiliar na análise e reflexão das questões e objetivos deste estudo. A história oral de vida, abordagem metodológica escolhida para efetivação desse estudo, ora em andamento, tem sido uma das mais utilizadas do gênero. Trata-se de valorizar as experiências de vida de uma pessoa, relatadas por meio de narrativas; nessa modalidade de pesquisa as falas dão relevância às vivências e às representações individuais. Os sujeitos colaboradores foram escolhidos aleatoriamente. Um dos critérios era estar aposentado e ter se dedicado a maior parte de sua profissão a alfabetização. A quantidade de sujeitos foi definida a priori em 5 alfabetizadores/as, pois, em se tratando de história de vida, a qualidade das narrativas é mais importante do que a quantidade de sujeitos a serem entrevistados. Um achado importante neste estudo foi ter encontrado um alfabetizador que dedicou sua vida à alfabetização, fato raro no Brasil uma vez

que essa profissão é desenvolvida na sua maioria por mulheres. Esperamos que o resultado dessa investigação possa trazer contribuições para o processo de formação inicial e continuada, auxiliando na definição de políticas institucionais do UNIPAM, que é a universidade de Patos de Minas como também auxiliar na redefinição da política permanente de formação continuada oferecida pelo CEC – Centro de Estudos Continuados “Professora Marluce Martins de Oliveira Scher” da secretaria municipal de educação de Patos de Minas.

---

### **Comunicação XVI: Histórias de alfabetizadoras sobre leitura**

Osmar Ribeiro de Araújo (NUALFA/SME/UFU) e Sônia Maria dos Santos (orientadora) UFU / MG

O tema desse estudo é Histórias de alfabetizadoras da rede municipal de ensino de Uberlândia: História, memória e leitura. O objetivo geral desse estudo foi investigar como as alfabetizadoras que atuam na rede municipal de Uberlândia construíram seus saberes, suas representações e práticas de leitura. O problema pesquisado foi qual o significado, o lugar, e em que medida as representações das alfabetizadoras sobre leitura influenciam suas práticas cotidianas. A metodologia escolhida para a realização deste estudo foi a história oral temática, por acreditarmos nas possibilidades de análise da trajetória construída pelas alfabetizadoras ao longo de sua profissão docente com relação aos modos de leitura. Interessa-nos analisar como e em que lugares esses profissionais se apropriaram desse conhecimento. Novos enfoques e temáticas têm dado voz a grupos minoritários e discriminados que, tradicionalmente, não têm oportunidade de expressar sua versão dos fatos. “É fundamental preservar a memória daqueles que não têm lugar nos manuais de história, salvaguardar os seus testemunhos e depoimentos”, afirmava o filósofo alemão Walter Benjamin (1892-1940), que defendia, como ele próprio chamava, a “história dos vencidos”, ou dos excluídos, como acreditamos ser o caso das alfabetizadoras. Os resultados esperados são de que este estudo possa vir a contribuir com os projetos de formação inicial oferecido pelas universidades e faculdades de Uberlândia e Região, como também a formação continuada dos/as alfabetizadores/as, oferecidos pelos Centros de Estudos das prefeituras municipais e superintendências regionais de ensino da rede estadual de Minas Gerais, de forma que os/as alfabetizadores/as possam vir a reconhecer e tratar a leitura como elemento essencial no processo de alfabetização.

---

## **Comunicação XVII: A prática de educação em organizações cooperativas: o caso COTRIPAL**

Carmem Adriane Ribeiro  
 UNIJUÍ (RS)

A pesquisa realizada tem como foco principal a educação cooperativa nas escolas, direcionada, especificamente ao estudo do Projeto Cooperativismo nas Escolas (PCEP), coordenado pela Cooperativa Triticola Panambi Ltda (COTRIPAL), com sede em Panambi, localizada na região Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, e desenvolvido nas escolas da rede de ensino do município. Consiste na investigação e análise do desenvolvimento do Projeto de Educação Cooperativa, perpassando sua trajetória histórica até os dias atuais. O PCEP abrange outras localidades da região; porém, o estudo de caso objetiva investigar a contribuição deste projeto para a formação de mentalidades e consciências cooperativas, bem como compreender a importância da educação cooperativa em Panambi. Para a coleta dos dados empíricos, foram realizadas entrevistas abertas e semi-abertas, algumas gravadas e transcritas como depoimentos e relatos. A pesquisa envolveu sete escolas, estaduais municipais e uma particular, contemplando o meio rural e urbano, observando-se que a cooperativa mantenedora do projeto é uma cooperativa agrícola. A população envolvida contempla alunos professores, coordenações pedagógicas e direções das escolas, além dos coordenadores do projeto e de representantes da Cotripal. Parte-se do pressuposto de que o projeto cooperativismo nas escolas é uma forma de fazer com que os ideais cooperativistas ressurgam e se difundam na comunidade através da educação; porém, nas entrevistas com os diversos grupos envolvidos na pesquisa, transparece claramente uma intencionalidade e que esta possa ser uma das formas de utilizar o espaço da escola como um locus de marketing e poder. Existe a indicação de uma relação estreita entre as práticas educativas do projeto e a busca de um perfil de associado por parte da cooperativa.

---

## Comunicação I: História oral na pesquisa sobre sexualidade

Ismael Antônio Vannini / UNIPAR e PUCRS (RS)

O advento da nova história trouxe novos olhares e perspectivas para a historiografia. Seus elementos passaram a circular, mais efetivamente, a partir da década de 1970. Nesta nova realidade, a história oral apoderou-se de um importante espaço na produção historiográfica. As pessoas comuns, os sujeitos anônimos, aqueles que a tradição escrita renegou; “sem história e sem voz”, acabaram por fazer parte da história pelo documento oral. Foram os depoimentos que permitiram nossa pesquisa tratando do comportamento sexual da cultura italiana do Rio Grande do Sul. As fontes orais foram a base do trabalho de pesquisa que originou a obra “O sexo, o vinho e o diabo: demografia e sexualidade na colonização italiana no Rio Grande do Sul – 1906-1970”. O tema que era tratado como tabu, tanto pela própria sociedade como pela historiografia, ganhou nuances de desafio. A forte religiosidade e o pessimismo sexual cristão, definiram a sexualidade como impulsos do pecado e da manifestação do demônio. As referências estavam nas memórias e delas para a história, nasceu a necessidade do arquivo oral. A grande maioria dos possíveis depoentes não estava disposta a depor sobre o comportamento sexual que envolvia a própria cultura. A complexidade do tema tornou necessária uma triagem, selecionando um grupo passível de entrevista. A memória oral, revelou um universo sexual contraditório ao retratado pela historiografia tradicional. A visão ufanista e beatificadora do colono italiano foi desmistificada pela narrativa da memória, vieram a tona as transgressões, as bestialidades, os abortamentos, os infanticídios e as transgressões sexuais do clero.

---

## Comunicação II: Vozes por detrás dos Muros: conhecendo a Colônia Santana e seus internos

Elisa Paula Marques / UFSC (SC)

Em 1941, foi criada em Santa Catarina, a Colônia Santana, instituição voltada para o atendimento de pessoas com transtornos mentais. Suas instalações foram construídas num local de difícil acesso, pois acreditava-se que o isolamento contribuía para a cura e tratamento dos doentes. Ao olhar a história da Colônia (atual Instituto de Psiquiatria do Estado de Santa Catarina-IPQ), com espanto verificamos que não eram apenas os portadores de doença mental que se encontravam por trás de seus portões. Século depois de Pinel ter libertado os loucos dos grilhões que os prendiam e de todas as leis e reformas que na Europa procuraram retirar a miséria e a criminalidade do contato com os insanos, nos deparamos com realidades que nossa consciência preferia julgar inexistentes. Miséria,

abandono e problemas familiares foram transformados em motivos de internação. O internamento, embora não constasse entre os objetivos da criação da Colônia Santana, serviu para asilar todo um grupo de pessoas que, assim como os doentes mentais, não encontravam inserção na sociedade. A perspectiva de dar voz ao paciente de uma Instituição Psiquiátrica é no mínimo difícil de se concretizar, pois muitos dos que ainda hoje se encontram nos corredores do IPQ, não sabem mais de onde vieram, por quê ou quem são? Um dos entrevistados para este trabalho entrou com 19 anos na Colônia para nunca mais voltar à sociedade, porém ele não tinha diagnóstico que comprovasse alteração das faculdades mentais. Para esta pesquisa, optei por trabalhar os primeiros trinta anos após a fundação da Colônia Santana. E as fontes utilizadas foram os prontuários médicos, notícias do jornal Diário da Tarde e entrevistas orais com familiares e ex-pacientes.

---

### **Comunicação III: Lepra de um lado, loucura de outro: narrativas cortadas por uma cerca**

Viviane Trindade Borges / UFRGS (RS)

Neste trabalho pretendo perceber o conflito entre os antigos moradores do Hospital Colônia Itapuã (Viamão/RS), os hansenianos, e seus novos vizinhos, os pacientes provenientes do Hospital Psiquiátrico São Pedro, transferidos para a instituição em 1972, utilizando como fontes principais os seus relatos. A ocupação do Hospital Colônia por novos moradores provocou a indignação daqueles que viviam na instituição, algumas vezes, por mais de 60 anos, como era o caso de Dona C. L., falecida no ano passado. A perspectiva que perpassa diferentes depoimentos é a de invasão e o medo dos tidos como loucos. Frases como “tomaram o que era nosso” (Dona E.N), “invadiram nosso hospital” (sr. A.T.), ou ainda, segundo seu O.B., “Esses mentais [...] chegaram, tomaram conta desse pavilhão aqui, já tavam indo aos poucos toma conta de todo o hospital, nós doente apertado [...]”, aparecem nos diferentes depoimentos. Dona L.P., por exemplo, conta que falou a um paciente do Centro Agrícola que foram os hansenianos que deram o Hospital para ele morar: “tu não pode ter raiva de nós porque nós que te demo o hospital pra tu vim morar aqui” e é mesmo, porque se nós não quisesse né... A cerca, ou tela, de arame, segundo a assistente social Valenzuela, “como estas de galinheiro”, a qual separava loucos e leprosos, foi chamada na anteriormente citada reportagem, “Protesto em Itapoã. Leprosos não aceitam doentes do São Pedro”, de “Muro de Berlim”. Segundo o jornal, a cerca foi construída no início do mês de novembro de 1972, era de arame farpado e media um metro e meio de altura. No depoimento de seu L.M., a cerca assume formas maiores, medindo o dobro do tamanho citado na

referida reportagem: “[...] fizeram uma cerca [...] alta, três metros de altura [...], os poste grosso assim, alta da altura do forro assim e... a tela [...]”. Neste sentido, procuro mostrar que a cerca que separava lepra e loucura dentro do espaço asilar aparece nas diferentes falas e constitui um marco, não apenas físico, mas também emocional, que corta as narrativas.

---

#### **Comunicação IV: Histórias de vidas: médicos italianos no Rio Grande do Sul – Giovanni Palombini (1872-1927)**

Leonor Carolina Baptista Schwartzmann / PUCRS (RS)

A participação dos médicos italianos no contexto da imigração é assunto que necessita estudo para a compreensão das características do campo médico gaúcho que encontrava-se ainda em formação no início do século XX. A partir do relato escrito por Giovanni Palombini, médico itinerante que viajou pelo interior do RS (1901-1907), é possível analisar as conseqüências da peculiar legislação de influência positivista sobre a prática médica, assim como o exercício da medicina por médicos estrangeiros. Seu relato reflete o pensamento de sua época; abordando diferentes aspectos como a situação de saúde da população, as práticas de cura, as conseqüências dos contatos inter-étnicos, a atuação dos colonos italianos, as alterações que vinham sendo observadas no meio ambiente e a necessidade de incentivo à imigração por italianos. Outra metodologia disponível para recuperarmos a história pessoal deste médico é a história oral de vida, onde são captadas as experiências dos narradores e enfatizados seus aspectos individuais e subjetivos. Através dos depoimentos de familiares, uma neta que teve contato na infância e o outro depoente também de mesma profissão, poder-se-á reconstruir a sua trajetória de vida. A partir destes depoimentos observa-se como se dava a vinda para o Brasil de médicos; convites eram feitos por outros médicos italianos aqui radicados. Foi destacada sua vida aventureira, a combinação com as atividades de clínico e cirurgião exercidas em várias cidades. A ele atribuem a instalação do primeiro RX no estado, na cidade de Jaguarão. São destacadas as relações familiares, as repercussões causadas pelas viagens na família, o relacionamento com sua mulher e filhos, as dificuldades de ordem financeira e a esperada ajuda financeira do governo estadual para o seu programa de incentivo à imigração italiana. O estudo multidisciplinar das observações realizadas por este médico, associadas às informações obtidas pelos depoentes através da história oral, poderão contribuir para o esclarecimento do processo histórico.

---

## Comunicação V: O Depoimento em História Oral: a fabricação de si

Juliane Conceição Primon Serres / UNISINOS (RS)

A proposta da comunicação é discutir alguns aspectos gerais do trabalho com História Oral a partir de depoimentos de pacientes que foram portadores de “lepra”, isolados no Hospital Colônia Itapuã, antigo Leprosário do Rio Grande do Sul. Foram realizadas 14 entrevistas, em um universo de 80 internados, entre os anos de 2000 e 2004. As narrativas das experiências destas pessoas possibilitam inúmeras análises, entre as mais evidentes encontram-se a “fabricação de si” nas narrativas. Conforme já foi apontado por vários autores que utilizam o método, foi possível observar a busca de uma coerência nas experiências narradas, uma tentativa de oferecer um sentido a estas experiências muitas vezes fragmentárias e a eliminação dos elementos conflituosos com a identidade atual do depoente. A fabricação de si pela narrativa também elimina experiências traumáticas, esta questão em especial fundamenta nossa análise. As pessoas que entrevistamos foram segregadas por uma política nacional de combate à doença então conhecida como lepra, muitas eram conhecidas em suas localidades como portadoras desta estigmatizante moléstia, no entanto, na maioria das entrevistas, os depoentes nunca mencionam o preconceito ou qualquer tipo de prejuízo pessoal em função da doença, embora manifestassem medo de que isso pudesse acontecer, porque em seus relatos geralmente apresentam pessoas – conhecidos, amigos, vizinhos, parentes – que sofreram com a publicidade da doença. Construir a si mesmo, ou a construção de uma identidade ocorre em posição/oposição ao outro. Do outro tudo se pode falar, e, nesta perspectiva, podemos inferir que o depoimento destes pacientes, através da tentativa de estabelecer uma identidade com a qual possam conviver, é perpassado de distanciamentos em relação a si e a narração de experiências próprias como se fossem alheias.

---

## **Comunicação I: História oral e jornalismo: aproximações e distanciamentos**

Clarice Gontarski Esperança / UFRGS (RS)

Como observa Jean-Pierre Rioux, as profissões de historiador e jornalista cresceram lado a lado “e, pouco a pouco, delimitaram seus respectivos territórios numa indiferença recíproca”. O presente, o efêmero, cabia ao jornalista, que se resignava numa crônica apressada pelos imperativos industriais da produção de seu ofício. O passado, os arquivos, a observação das permanências e das durações, pertenciam ao historiador, cuja atuação pressupunha um distanciamento maior das exigências do presente. Tais fronteiras começaram a esfumar-se há algumas décadas. Por um lado, os historiadores passaram a ver no presente um objeto valioso para seus estudos. Por outro, jornalistas começaram a aventurar-se cada vez mais por temas antes “históricos”, aplicando sobre eles técnicas até então somente usadas para os acontecimentos contemporâneos, em especial a reportagem. Esta invasão mútua de fronteiras antes pacíficas tornou-se possível, em última instância, devido a elementos comuns nas duas práticas. Afinal, ambas reconstróem o passado (distante ou imediato) a partir de testemunhos, buscando um efeito de verdade. Com a História Oral, a ação historiográfica diminui cada vez mais a distância em relação à “apuração das fontes” do fazer jornalístico. Quais os elementos de aproximação e distanciamento entre entrevistas jornalísticas e a coleta dos depoimentos orais pelos historiadores? Tais práticas correm o risco de confundir-se? O trabalho pretende investigar as fronteiras que delimitam esses espaços mútuos e seus pontos de intersecção. A autora é jornalista há 15 anos e atualmente cursa o mestrado em História na UFRGS.

---

## **Comunicação II: A construção da fonte oral nas lembranças sobre o Concurso Rainha da Soja**

Adriana Mello Cançado / UFPR (PR)

As memórias sobre um concurso de beleza feminina realizado em Ponta Grossa, Paraná, no decorrer da década de 1970, compõem ponto central para as reflexões que constituem a presente comunicação. As apreciações resultam de um exercício de aproximação com a construção de fontes orais, compreendidas como registros gravados e transcritos que documentam versões do passado. A base deste estudo é a problematização do concurso enquanto memória constituída por lembranças de um jornalista pontagrossense, que participou na função de colaborador para a organização e concretização do evento. Por meio da utilização da técnica do depoimento, instigaram-se relatos que representam as trajetórias profissional e pessoal do entrevistado e as relações possíveis com o

evento objeto de investigação. Lembranças seletivas e interpenetrações temporais afloraram a partir do estímulo da pesquisadora e possibilitaram a composição de um documento que embasa ponderações teóricas e metodológicas sobre o uso da história oral como método eficiente para o estudo de eventos particulares a partir das releituras seletivas de seus participantes e observadores.

---

### **Comunicação III: Projetos de História Oral no contexto educacional: teoria e método**

Telma Faltz Valério / UFPR (PR)

O presente trabalho é uma contribuição para a pesquisa histórica: O ESTADO DO PARANÁ E A REFORMA DO ENSINO DE 2º GRAU NA DITADURA MILITAR: Legislação e Memória; com o intuito de analisar quais as representações que os indivíduos que compunham a Secretaria de Educação do Estado do Paraná e o Grupo de Trabalho que elaborou a lei 5.692/71 para o Ensino Secundário possuem com relação a mesma. De forma que discutiremos a pertinência e o método adequado no uso da História Oral, uma vez que esta se refere ao desafio de ouvir as impressões dos próprios portadores das experiências tomadas como objetivo de estudos, ouvir deles mesmos as suas motivações, seus interesses, seus limites, suas perspectivas. Diante disso cabe ao historiador saber dialogar com suas fontes, compreender os fatos que nelas se encontram embutidos; debater, do ponto de vista da pesquisa em história da educação, como um projeto de História Oral pode ser desenvolvido em diferentes contextos, enquanto iniciativa individual ou trabalho coletivo, e como proceder neste trabalho.

---

### **Comunicação IV: Memória: de belo e trágico, de lembrar e esquecer, as armadilhas da interpretação**

Marlene de Fáveri / UDESC (SC)

“A gente não lembra, mas a gente também não esquece”: a partir da perspectiva seletiva e fugidia da memória, este fragmento de um depoimento instiga para refletir sobre memórias do belo e do trágico, ou de como é preciso esquecer determinadas experiências e lembrar outras. Esquecer tem seu lado trágico, mas também belo, porque não há lembrança sem os necessários esquecimentos. Para os estudos históricos, experiência que vem da memória é discurso/texto, e nem memória nem experiência estão dadas como evidentes. Lembranças, como os documentos, nada dizem sem o trabalho de interpretação, e interpretar é dar um sentido – e se tomarmos em conta que o sentido de um texto suscita muitas possibilidades, o intérprete deve ir até o fundo, escavar na

profundidade, mesmo que seja para descobrir que essa profundidade não é senão um jogo e uma ruga da superfície, conforme as reflexões de Foucault sobre Nietzsche. Tarefa sempre infinita, fragmentada, inacabada, a interpretação exige o olhar cuidadoso para a fonte que vem da memória (recolhida da oralidade), ou de como as pessoas resignificam e representam suas experiências a partir de suas próprias interpretações. Nesse sentido, esta reflexão contextualiza um contexto histórico, a segunda guerra mundial vivida no estado catarinense, e investiga as possíveis interpretações da memória do medo e da dor, por vezes carregadas de (res)sentimentos, lembradas/esquecidas na contingência de como foi vivida por diferentes pessoas e de diferentes lugares sociais. Se não há memória sem experiência, rearticular o passado a partir do presente (ato de lembrar hoje) e dar a ele um sentido, é tarefa que exige reflexões sobre lembrar, esquecer e suas possíveis armadilhas – de que lugar fala o historiador, e de que lugar fala o depoente?

---

### **Comunicação V: O narrador e a narrativa no laboratório**

Josiane Roza de Oliveira / CEOM – UNOCHAPECÓ (SC)

Esta comunicação aborda um momento reflexivo, não tão freqüente neste caso, do trabalho no/sobre o Laboratório de História Oral do CEOM - Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina, programa de pesquisa e extensão da Unochapecó. A História Oral, como é chamada, está dentre as metodologias mais utilizadas na pesquisa histórica desenvolvida no Oeste de Santa Catarina, em especial no Curso de História da Unochapecó. Desde os anos 80, vem sendo utilizada intensamente, chegando a ser, em determinados períodos, a única fonte de pesquisa utilizada na produção de Trabalhos de Conclusão de Curso ou de Especialização. No entanto, hoje, percebe-se um certo descrédito quanto ao seu emprego no desenvolvimento de interpretações históricas e um anseio enlouquecido de retorno às fontes “oficiais”. Da mesma maneira que estas foram rechaçadas em determinado período histórico para se “dar voz aos excluídos” através da narrativa oral, um movimento inverso se apresenta. Mais uma vez é pela eliminação/adoção de uma ou outra metodologia que parece ser possível a interpretação histórica. Em meio a essas idas e vindas, o Laboratório de história oral tem vivido momentos de intensa produção, nos quais encontrou diferentes formas de abordagem e utilização da memória para a construção do conhecimento histórico. Há, no Laboratório, a tentativa de articulação das narrativas orais às linhas de pesquisa do Centro de Memória em seus diferentes programas, sendo possível trabalhar com representações sociais constitutivas de identidades regionais e também com a utilização da oralidade para obtenção de informações sobre expressões culturais tangíveis e intangíveis da

população regional. Através do “banco de histórias”, está latente também a musealização e a produção de material educativo - exercícios ainda embrionários. A continuidade nos trabalhos, entretanto, não pode mais prescindir da atividade reflexiva que coloca em debate o modos operandi do historiador e seus meios de refinar a legitimidade de suas pesquisas e, no nosso caso, a necessária vinculação às atividades comunicacionais e educativas que dizem respeito às finalidades do CEOM.

---

### **Comunicação VI: Discursos, práticas e redes de sociabilidade no campo pedagógico-musical em Uberlândia de 1940 a 1970: a construção de um método**

Lília Neves Gonçalves / UFU (MG) e UFRGS (RS)

Este estudo está investigando discursos, práticas e redes de sociabilidade no campo pedagógico-musical em Uberlândia de 1940 a 1970. Para entender a estruturação desse campo, toma-se como referencial a teoria dos campos de Pierre Bourdieu e a idéia de redes de sociabilidade concebida por Michel Bozon. O princípio da construção das redes de sociabilidade é um conceito de caráter tanto teórico quanto metodológico. Essas redes não são abordadas em si mesmas, mas através delas pensa-se em entender as interações, os vínculos estabelecidos no campo pedagógico-musical. Abordando o campo nessas dimensões, dos agentes e de suas redes, a idéia é ter uma visão polifônica dos discursos; é ouvir várias vozes envolvidas na prática de formação musical na cidade. Para se chegar a essas vozes, adota-se como método de coleta de dados a História Oral, utilizando as fontes orais na forma de relatos de vida de professores que conviveram, trabalharam e se relacionaram nesse campo na época. Na medida em que são identificadas as redes de sociabilidade, esses personagens estão surgindo e compondo o quadro de colaboradores dessa pesquisa. Nesse sentido, a construção das redes de sociabilidade é um recurso metodológico interessante para a compreensão não só da estrutura do campo, mas também das conexões e dos tipos de interações sociais estabelecidas entre os agentes que fizeram parte desse campo pedagógico-musical. Os relatos orais de professores de música que atuaram no campo pedagógico-musical de Uberlândia são fontes primárias para esta pesquisa. Suas memórias materializadas nos relatos orais estão associadas a outras fontes: fontes escritas (jornais, revistas, documentos) e fontes iconográficas (fotografias). A combinação desses três tipos de fontes não tem como objetivo comprovar a veracidade dos relatos orais, mas iluminá-los entre si. Espera-se que um estudo dessa natureza possa fornecer subsídios para se pensar as relações sociais estabelecidas com a música nos seus muitos âmbitos e possibilidades.

---

### **Comunicação I: A memória dos campos da morte: o testemunho de um sobrevivente francês, “resistente” e judeu”**

Helenice Rodrigues da Silva / UFPR (PR)

Sessenta anos após a descoberta, pelas tropas soviéticas, do campo de Auschwitz, os dirigentes europeus rememoram nesse mesmo local (em 27 de janeiro de 2005) o mais bárbaro massacre dos tempos modernos. Essas celebrações, dando margem a uma re-atualização da produção científica sobre a “shoah” (holocausto), se inscreveram no campo de uma ética: o “dever da história”. Em nome, igualmente, de um “dever da memória”, os sobreviventes dos campos de concentração, conscientes da necessidade eminente de transmissão dessa experiência única a novas gerações, buscam testemunhar o indizível. Pouco preocupados com a cientificidade e com a objetividade da narrativa, os sobreviventes tentam reordenar as palavras em forma de um depoimento informativo, amplamente subjetivo. A entrevista, que realizei em Paris (em 7 de fevereiro de 2005) com um sobrevivente dos campos de Dachau e de Herzbrück, na Alemanha, inscreve-se na tipologia do testemunho direto da história do tempo presente, cuja função é a de lembrar, informar e, certamente, de se liberar do peso do silêncio e dos não-ditos. Resistente na França ocupada, desde novembro de 1943, Albert Mandelsaft, francês e judeu de 85 anos, preocupado em deixar um testemunho, elabora uma tarefa difícil: a de testemunhar sobre sua participação direta na Segunda Guerra, na condição não de judeu, mas de Resistente. Na França do pós-guerra, a representação política do Resistente e, sobretudo, do Deportado Resistente, que lutou pela liberação do país, foi associada à figura de um herói nacional. Se até meados dos anos 1970, a Resistência fazia parte de uma certa mitologia nacional, a partir dessa época, a historiografia francesa desloca o enfoque da deportação, dando ênfase ao genocídio dos judeus. A ideologia dos direitos humanos, em foco nesse momento, concede um espaço importante às vítimas da sociedade. É nesse quadro de recomposição ideológica (a relativização da Resistência na França e o papel importante exercido pelo Estado francês na colaboração com os nazistas) que a deportação é redimensionada como fenômeno eminentemente racial.

---

### **Comunicação II: A Campanha de Nacionalização nas narrativas de suas testemunhas orais**

Rosane Marcia Neumann / PUCRS (RS)

Essa comunicação tem como objeto de estudo a Campanha de Nacionalização empreendida pelo Estado Novo (1937-45), analisando as narrativas construídas pelas suas testemunhas oculares e as diretamente envolvidas no processo. Como locus da

pesquisa, optou-se pela colônia germânica de Neu-Württemberg, atual Panambi, onde esse processo adquiriu uma relevância significativa, visto que a repressão/resistência gerou vários conflitos. Tratam-se de memórias traumáticas, marcadas por lacunas e silêncios.

---

### **Comunicação III: Militantes católicos e suas relações com a esquerda política**

Marilane Machado / UFSC (SC)

Pretendo, nesta comunicação, analisar três entrevistas realizadas com participantes de movimentos de juventude católica de Florianópolis/SC durante a Ditadura militar. Um dos entrevistados se trata de um padre participante da Juventude Estudantil Católica no período de 1959 a 1964 e posteriormente, entre 1971 e 1979, da Assessoria Religiosa de Movimentos de juventude (ARMOJ), que daria início à organização da Pastoral da Juventude em Florianópolis. Os dois outros entrevistados se tratam de leigos participantes da pastoral da juventude na década de 1980. Tendo em vista que todos os entrevistados foram adeptos de movimentos de juventude que podem ser considerados da “esquerda católica”, a proposta desta comunicação é analisar a variação dos discursos políticos de esquerda entre os entrevistados de acordo com a sua posição na Igreja, na sociedade e na política partidária.

---

### **Comunicação IV: Relatos de lideranças políticas sobre o AI-2 e a criação do bipartidarismo no Brasil**

Ângela Flach / UNISINOS (RS)

A comunicação tem o objetivo de analisar as diferentes percepções acerca do processo de formação de novos partidos políticos, iniciado após a edição do Ato Institucional número 2, em outubro de 1965, quando passaram a ser estruturados a Aliança Renovadora Nacional (Arena) e o Movimento Democrático Brasileiro (MDB). As fontes utilizadas para a elaboração do trabalho são os depoimentos orais produzidos pelo Programa de História Oral do Centro de Documentação sobre a Ação Integralista Brasileira e o Partido de Representação Popular e também os depoimentos já disponíveis no acervo de História Oral da Assembléia Legislativa, coletados a partir do desenvolvimento do projeto intitulado “Memória Parlamentar: História de vida dos parlamentares gaúchos (1947-1962)”. Serão utilizadas entrevistas de políticos que atuaram nas diversas agremiações partidárias do período compreendido entre 1945 e 1965, e que tiveram atuação político-partidária durante o regime militar e na vigência do bipartidarismo. Dessa forma, pretende-se perceber os diversos interesses e disputas em jogo para a formação dos novos parti-

dos, observando que mecanismos foram utilizados de forma a efetivar a difícil tarefa de congregar as diferentes correntes políticas atuantes até 1965 em somente dois movimentos políticos.

---

**Comunicação V: Memórias dos “paulistas” – guerrilheiros gaúchos no Araguaia: os mortos que vivem**

Deusa Maria de Sousa / UNISINOS (RS)

Quando se fala hoje em Guerrilha do Araguaia busca-se, principalmente, na memória dos moradores da região, os vestígios mais significativos deste episódio recente da história do Brasil. Este conflito ocorreu na região, hoje compreendida, entre os estados do Tocantins, Pará e Maranhão. A Guerrilha do Araguaia, como assim ficou conhecida, foi o movimento armado de maior resistência às forças oficiais durante a Ditadura Militar entre os anos de 1972 a 1975. Nos últimos trinta anos, houve um grande descaso demonstrado pelos sucessivos governos em relação à angústia dos familiares dos Desaparecidos políticos do Araguaia, na busca incansável para descobrir as conseqüências das mortes de seus filhos. Esta lacuna das vidas e das mortes dos guerrilheiros do Araguaia vem sendo rompida gradualmente pela memória dos moradores, que com eles conviveram e deles guardam lembranças de uma breve, mas marcante, vida na região. Este trabalho pretende discutir previamente, a partir dos relatos de moradores e camponeses que viviam na região durante o episódio do Araguaia, as memórias construídas dos guerrilheiros do Araguaia, especialmente dos quatro gaúchos, junto à população do local do conflito.

---

**Comunicação VI: As dez mais elegantes – aparência e poder em Florianópolis**

Mara Rúbia Sant’Anna / UDESC (SC)

O processo de modernização mais recente da capital catarinense teve início nos anos 50, do século XX. A implementação de uma série de mudanças urbanas e econômicas foi acompanhada de transformações na significação do grupo social denominado elite. Em nossa tese de doutoramento estudamos a implicação dessas transformações com o exercício do poder, especialmente nas estratégias vinculadas com a aparência. Desta feita, a investigação sobre as colunas sociais, publicadas nos jornais locais, levou-nos à análise das práticas sociais e significacionais que envolviam a elite. Os cronistas sociais, especialmente Zury Machado, para o contexto florianopolitano, foram fonte histórica indispensável para a análise das relações sociais estabelecidas na dinâmica do parecer em uma

sociedade que almejava a modernidade. Ao mesmo tempo foram, cada colunista com seu perfil, agente coadjuvante da construção das relações sociais e, sem a vitrine em que a coluna social se constituiu, o sujeito exaltado não podia mostrar-se à sociedade e apresentar-se, propriamente, como elite. Ao exaltar alguns, por serem fiéis a um modelo de aparência instituído como ideal, foi impulsionada a dinâmica da aparência como estratégia de existência social e essa era reproduzida na medida em que o exaltado tornava-se, por sua vez, um modelo a consumir. Dentre esses, alguns foram eleitos como superiores dentre o seu grupo e a prática de sua eleição evidencia o quanto de poder social a aparência podia instituir aos que detinham considerável capital-aparência, conforme a teoria de Michele Pagès-Delon. Nas artimanhas da exibição social, as estratégias de poder se impunham, e as elites, manipulando aquelas, se reconfiguraram também. Os agenciamentos de subjetividades criados pelos cronistas sociais, a partir da exibição que eles proporcionavam em suas colunas, serão investigados por meio das memórias constituídas nas lembranças de colunistas e colunáveis. No projeto de pesquisa que dá continuidade ao trabalho findado com a conclusão do doutorado, nos propomos a pesquisar as senhoras eleitas seguidamente, durante as décadas de 50 e 60, pelo colunista social Zury Machado, buscando analisar como o fato de ser eleita uma das dez mais elegantes interferiu na sua subjetividade e, especialmente, como tal título vinculou-se à formação e manutenção de estratégias de poder para a família ou marido a quem estava associada. A presente comunicação, portanto, irá deter-se sobre os pressupostos considerados na delimitação do objeto de pesquisa; na metodologia adotada para a realização das entrevistas com as eleitas mais elegantes e sobre as possibilidades de análise e comparação das memórias investigadas.

---

### **Comunicação VII: Memórias da Expulsão: Intolerância ao Estrangeiro no Governo Vargas (1930-1945)**

Mariana Cardoso dos Santos Ribeiro / USP (SP)

Nesta comunicação pretendemos apresentar para reflexão algumas considerações sobre a contribuição das fontes orais para a História da Intolerância ao estrangeiro no Brasil. Utilizamos para estudo o caso de uma espanhola presa pela Polícia Política do Estado de São Paulo sob acusação de envolvimento com o comunismo, e que foi expulsa do Brasil em 1937. Conforme a polícia, Julia Garcia y Garcia fazia a ligação entre indivíduos do Partido Comunista Espanhol e do Partido Comunista Brasileiro. Por esta razão, foi considerada pelo governo brasileiro como “indesejável”, devendo então, ser expulsa do Brasil. Esta versão oficial está registrada em Prontuários policiais do Fundo Delegacia de Ordem Política e Social do Arquivo do Estado de São Paulo e nos administrativos do Fundo

Ministério da Justiça e Negócios Interiores, sob a guarda do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro. O discurso oficial sustentava o mito do perigo estrangeiro e a necessidade de se excluir do território nacional os “indesejáveis” como uma medida de “salvação pública”. Recentemente, Julia Garcia y Garcia foi entrevistada e esclareceu sobre os motivos e a forma de sua expulsão. Este depoimento oferece uma outra versão sobre os fatos, possibilitando assim, a desconstrução do discurso oficial registrado nos arquivos policiais e administrativos.

---

### **Comunicação VIII: A História Oral e o Movimento do Grupo dos Onze**

Elenice Szatkoski / PUCRS (RS)

Para construirmos a História do Movimento dos Grupos dos Onze, em decorrência da falta de documentos ou de documentação que necessitava de um cruzamento de dados, a história oral serviu como ferramenta indispensável neste processo. Localizamos, nos arquivos pessoais, dados relevantes para a pesquisa. Assim foi importante o contato e a cadencia de material impresso e também em depoimentos orais das famílias que se envolveram no movimento no ano de 1964. Os depoimentos de história oral serviram para dar ênfase ao objeto de estudo, buscando na memória dados históricos importantes sobre a ação política de grupos petebistas no passado. No caso do estudo sobre a formação e atuação dos Grupos dos Onze, muitos documentos puderam ser confrontados e apurada a veracidade da ação humana, pois encontramos e registramos depoimentos de pessoas que viveram o processo de 1964. Com esse material em mãos, partimos para uma última etapa, que foi a interpretação criteriosa da documentação coletada, das fontes e da crítica que fomos capazes de realizar. Dos documentos, desde o Inquérito Policial Militar – IPM, das anotações pessoais, da memória das pessoas conseguimos com a história oral dar credibilidade a fatos relatados na dissertação de mestrado intitulada “Os Grupos dos Onze: Uma insurreição Reprimida” e construir o objeto de pesquisa do projeto de doutora em história que se intitula “Brizolismo: A construção da ideologia e do mito nacional veiculado por uma rede do esclarecimento e informação através da Rádio Mayrink Veiga e do Jornal O Panfleto”. Nesta caminhada, onde a documentação da Rádio Mayrink Veiga foi destruída em grande parte, bem como o material radiofônico, é importante contar com o depoimento de pessoas que viveram a época, principalmente locutores e produtores de programas da Rádio citada, bem como de outras que presenciaram este momento histórico. Desta forma, nos propomos a apresentar um trabalho mostrando as dúvidas que os documentos históricos nos levavam e a maneira de como buscamos as respostas através da história oral.

---

## **Comunicação IX: História Oral, Justiça e Cidadania. Os Juizados Especiais Cíveis e Criminais como Mecanismos de Aproximação entre o Poder Judiciário e a Sociedade**

Juliana Ramanzini / Instituto Cultural Judaico Marc Chagall (RS)

A partir do esforço de um grupo de magistrados gaúchos foram implantados no Rio Grande do Sul, em 1982, os Conselhos de Conciliação e Arbitramento (CCA), mesmo sem o amparo da legislação. A experiência resultou na criação e implantação dos Juizados Especiais Cíveis e Criminais em todo o Brasil, em 1995. Nossa pesquisa tem como objetivo identificar em que medida esta iniciativa contribuiu para a promoção de transformações na estrutura do Poder Judiciário brasileiro, no final do século XX, modificando não só a forma de prestação do serviço jurisdicional, mas também a maneira como o Estado, os cidadãos e os próprios magistrados passaram a encarar a função social da Justiça, na busca pela estruturação de um novo modelo de prestação de Justiça que se contrapõe à Justiça tradicional, caracterizada pelos traços herdados do período colonial, inacessível e em desarmonia com a realidade social de um país que se esforça para consolidar bases democráticas. Ao lidarmos com a história do tempo presente, utilizamos, nesta pesquisa, as fontes orais obtidas a partir de depoimentos dos magistrados gaúchos envolvidos nesta experiência pioneira que, a partir do sul, irradiou-se por todo o país.

---

## **Comunicação X: Política e Ecologia nas memórias de Augusto Carneiro**

Fabiano Quadros Rückert / UNISINOS (RS)

O trabalho insere-se no campo da História Ambiental e pretende abordar as relações entre a ecologia e a política na história do ambientalismo brasileiro a partir das memórias de Augusto Carneiro – um dos fundadores da Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural – AGAPAN. Nas memórias de Augusto Carneiro – registradas no seu livro *A História do Ambientalismo* (publicado em 2003 pela Editora Sagra Luzzatto) e na entrevista oral que ele concedeu como colaboração para a minha pesquisa de Mestrado, a política assumiu uma dupla função: ela foi um ponto de referência na recomposição da sua experiência como ecologista e um recurso para explicar o surgimento de divergências no movimento ecológico brasileiro. Na primeira função, as relações entre o grupo de ecologistas ligado à AGAPAN nos anos 70 e 80 e as instituições governamentais ganham ênfase; e na segunda, a presença e atuação dos chamados ecosocialistas no ambientalismo brasileiro revela um conflito entre diferentes concepções de ecologia. Retomar e discu-

tir os significados da política nas memórias de um ecologista é proposta principal do trabalho que também pretende destacar as diferenças ideológicas e conflitos de interesses presentes no discurso ambiental.

---

### **Comunicação XI: Memória de ex-guerrilheiros: a presença de exilados políticos em Mato Grosso do Sul**

Daniele Reiter Chedid / UFMS (RS)

Em 1951, o general Alfredo Stroessner assume o comando das Forças Armadas paraguaias e em 1954 assume o governo, dando início a 35 anos de ditadura, que com o apoio dos Estados Unidos da América do Norte e do Brasil teve como sua marca os inúmeros casos de prisões, torturas, seqüestros, desaparecimentos forçados, assassinatos e exílios. A ditadura autoritária de Stroessner não permitia qualquer contestação sobre seu governo. Não havia, de maneira alguma, a possibilidade de se manifestar contra suas idéias. Todo aquele que apresentasse idéias “diferentes” era visto como um desvio subversivo que teria como propósito perturbar e desestabilizar o funcionamento do governo e o progresso do Paraguai. Com o intuito de conter qualquer tipo de ameaça, Stroessner utilizou largamente da repressão para, segundo ele, manter a paz e a ordem. O exílio tornou-se então muito freqüente neste período. O ditador mandava aqueles que causavam distúrbios em seu governo viver em outro país, ou, ainda mais freqüentemente, os próprios paraguaios que com uma economia deteriorada, com uma expectativa de vida em crescente declínio e uma repressão implacável e cruel, viam na idéia de abandonar o país uma esperança de amenizar seus sofrimentos e mudar suas vidas. Muitas dessas pessoas ainda vivem em outros países, como, por exemplo, no Brasil, onde temos registros de inúmeros paraguaios em exílio. Suas experiências dentro do regime permanecem pulsantes em suas lembranças e o objetivo deste projeto é produzir novos conhecimentos sobre a ditadura de Stroessner através destas lembranças, abrindo um rico e vasto arquivo que, em determinado ponto de nossa história, não poderia e não deveria ser divulgado, mas que hoje apresenta a necessidade de ser conhecido, pois possui grande valor para a História e para a compreensão de fatos presentes.

---

## **Visões de deputados gaúchos sobre eventos ocorridos no Rio Grande do Sul no período 1947/1962**

Claudira do Socorro Cirino Cardoso / Centro de Documentação sobre a AIB e o PRP

O presente trabalho faz uma análise de acontecimentos históricos ocorridos no RS e que foi objeto de discussão na Assembléia Legislativa do estado, a partir da percepção de onze deputados de diferentes partidos eleitos naquele período. Com base nas entrevistas desses onze parlamentares, coletadas através do projeto “Memória Parlamentar: história de vida dos parlamentares gaúchos (1947-1962)”, na Assembléia Legislativa do RS, busca-se perceber o comportamento político dos mesmos diante de importantes eventos da história política do RS ocorridos no período acima mencionado.

No período do multipartidarismo foram muitos os eventos e projetos que ganharam espaço de discussão no parlamento gaúcho. Pode-se citar o fechamento do Partido Comunista Brasileiro, a questão da nacionalização do petróleo, o suicídio de Getúlio Vargas, a encampação da Companhia de Energia Elétrica pelo governo do estado, o movimento da legalidade, os quais foram analisados e discutidos pelos parlamentares sob os mais diversos enfoques. Buscou-se acompanhar a postura assumida por esses parlamentares diante de tais acontecimentos, buscando relacionar tais posturas com algumas características sociais dos partidos que representavam e de outros grupos que possam ter sofrido influências.

---

### **Comunicação I: As mulheres do Ministério Público do Rio Grande do Sul**

Cíntia Vieira Souto / Ministério Público do Rio Grande do Sul (RS)

Hoje existem no Poder Judiciário gaúcho 245 Juízas de Direito entre 535 magistrados e 18 mulheres entre 123 desembargadores. No primeiro grau, as mulheres são 46% e, no segundo grau, 15%. Hoje, no primeiro grau do Ministério Público do Rio Grande do Sul, de 564 membros, 247 são promotoras, perfazendo um total de 44%. E no segundo grau, de 114 Procuradores de Justiça, 40 são mulheres, ou seja, 35%. Mas nem sempre foi assim. O acesso das mulheres às carreiras jurídicas no Brasil deu-se entre as décadas de 1970 e 1980. Um longo tempo, considerando-se que as primeiras mulheres brasileiras graduaram-se em Direito pela Faculdade de Direito de Recife em 1888. Tradicionalmente, no Brasil e no mundo, as primeiras profissões acessíveis às mulheres foram as relacionadas ao ensino. No Rio Grande do Sul, o ingresso de mulheres no Poder Judiciário remete-nos a 1971, quando ingressaram como Juízas de Direito as atualmente Desembargadoras Maria Berenice Dias e Regina Bollick. Até esta data, as mulheres, quando inscritas nos concursos, não tinham suas inscrições homologadas. O mesmo ocorria no Ministério Público, para o qual o primeiro ingresso ocorreu em 1976, quando quatro mulheres tornaram-se promotoras de justiça. Após a luta pelo ingresso, as operadoras do direito gaúchas lutaram com o preconceito dentro das Instituições e da sociedade. O presente estudo foi realizado a partir de entrevistas com promotoras de justiça gaúchas que ingressaram no Ministério Público entre 1976 e 1990. Suas falas, bem como seus silêncios, contam sua luta pelo ingresso e pelo reconhecimento numa carreira até pouco tempo considerada um apanágio masculino. Também discutem o triplo papel de profissionais, mães e mulheres, assim como o acesso ainda restrito das mulheres a cargos da Administração Superior e aos Tribunais Superiores, cuja indicação é política.

### **Comunicação II: Histórias e memórias sobre violência doméstica na cidade de Joinville/SC**

Janine Gomes da Silva / Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE e Arquivo Histórico de Joinville – AHJ (SC)

Este trabalho faz parte de projeto de pesquisa financiado pelo FAP/UNIVILLE, intitulado “Narrativas sobre violência: histórias e memórias de mulheres (Joinville – 1991/2004)”, que tem como objetivo problematizar as histórias de mulheres em situação de violência na cidade de Joinville, especialmente, a partir de memórias femininas. Utilizando a categoria gênero e a metodologia da história oral, pretende-se articular outras possibilidades para compreender a problemática da violência em relação às mulheres, pois,

por intermédio de diferentes narrativas, destaca-se como as memórias femininas inferem sobre as dores e (re)sentimentos presentes nas mais variadas formas de violência doméstica, seja ela física, psicológica ou sexual. E como elas lembram? Permeadas por (re)sentimentos, transbordando inquietudes ou desejando romper com o silêncio, as narrativas das mulheres que estamos escutando revelam histórias que dão outros contornos a diferentes discursos, como os presentes nos registros da Delegacia de Proteção à Mulher e no Centro de Atendimento à Vítima de Crime.

---

### **Comunicação III: Mães e filhas: memórias da maternidade para duas gerações de mulheres**

Ana Paula Vosne Martins / UFPR (PR)

Esta comunicação tem como objetivo analisar a construção da memória materna para duas gerações de mulheres que viveram suas experiências com a maternidade no período de transição do parto doméstico para o parto hospitalar. No Congresso Nacional de História Oral ocorrido em 2004 na cidade de Goiânia, tive a oportunidade de apresentar o início da pesquisa de estágio de pós-doutorado, ocasião em que analisei as memórias maternas de mulheres que estão atualmente com mais de 75 anos. Neste momento, procuro entender as diferenças entre esta geração e a geração mais nova, mulheres entre 50 e 65 anos. As formas de lembrar e de narrar, bem como as práticas diferenciadas em relação à gravidez, ao parto e à criação dos filhos, revelam o impacto das políticas públicas para a maternidade e a infância no Brasil a partir dos anos 1930 e do aconselhamento puericultor e pediátrico, divulgado pelos livros escritos para as mães e pelas propagandas dos produtos de higiene e de alimentação infantil presentes nas páginas das revistas semanais.

---

### **Comunicação IV: Entrevistando skinheads brasileiros: descrições de uma experiência peculiar**

Alessandro Bracht / Docente no Ensino Médio (RS)

Ao ser aceito para o programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGH/UFRGS) em 2001 através de um projeto de pesquisa que visava apresentar a presença dos skinheads no Brasil a partir de uma perspectiva histórica, tinha em mente que as fontes orais cumpririam o papel mais significativo no que diz respeito ao escopo documental. Mesmo reconhecendo a importância de documentos primários como publicações independentes (fanzines), músicas, cartas e sítios

eletrônicos, acreditei que teria nos depoimentos coletados juntos a skins de estados como São Paulo (centro emanador do movimento no Brasil), Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro um meio de cruzar dados e encontrar elementos indicativos de coesão interna capazes de caracterizá-los de forma clara e concisa. Não foi o que ocorreu. Apesar dos inúmeros contatos realizados por cartas e mensagens eletrônicas, quando não abordando 'carecas' pelas ruas de Porto Alegre, a quantidade e a qualidade das entrevistas ficou muito aquém do esperado e desejado. As razões são variadas: inexperiência e temor do pesquisador, algo que deve ser compreendido a partir da tradição da violência skinhead, dificuldades de articulação da palavra falada pelos integrantes do movimento, silêncios no que tange a alguns assuntos polêmicos e, principalmente, a um certo ritmo caótico cumprido pelas entrevistas que foram realizadas grupalmente, forma pela qual os skinheads preferiam se manifestar. Assim, o objetivo dessa comunicação é oferecer um relato no que diz respeito as experiências ligadas à coleta de depoimentos junto aos skins do Brasil, resultado de um grande esforço e de certa coragem, mas que acabaram sendo de uso bastante restrito na escrita da dissertação.

---

**Comunicação V: Na (re)significação de dores e desejos: narrativas sobre violência doméstica de mulheres “exiladas” na Casa Abrigo de Joinville/SC**

Arselle de Andrade da Fontoura / UNIVILLE e Arquivo Histórico de Joinville – AHJ (SC)

Relacionar histórias de mulheres, violência e memória engendram inúmeras possibilidades de análise do cotidiano recente da cidade de Joinville, pois as memórias permitem a construção de uma outra história sobre a violência, tendo em vista que esta pode ser (re)significada por quem a vivencia. E, principalmente no caso de mulheres e violência, convém ressaltar a importância também de perceber a história da cidade através da perspectiva de gênero, pois, as diferentes formas de organização estabelecidas entre e para seus moradores são mediadas por relações de poder. Na última década é perceptível um grande aumento da violência em Joinville, especialmente a violência de gênero. Assim, frente esta realidade e em consonância com uma perspectiva nacional, diferentes políticas públicas foram elaboradas e implementadas no município, entre elas destaca-se a criação da Casa Abrigo Viva Rosa, atualmente gerenciada pelo Programa de Atendimento a Mulheres Vítimas de Violência – PAMVVI. Neste sentido esta comunicação visa dar visibilidade e problematizar através da metodologia da história oral diferentes memórias de mulheres que vivenciaram situações de violência doméstica e que foram obrigadas a exilarem-se na Casa Abrigo Viva Rosa. Estas narrativas permeadas de dores, anseios e

desejos demonstram como estas mulheres (re)significaram este espaço de proteção e acolhimento, bem como permitem outras leituras sobre o universo da violência que delineiam o cotidiano da cidade. Destaca-se que este trabalho é um recorte do projeto de pesquisa “Narrativas sobre violência: histórias e memórias de mulheres (Joinville – 1991 –2004)”, financiado pelo FAP/ UNIVILLE.

---

### **Comunicação VI: Mulheres: suas histórias e trajetórias no poder**

Maria Bernadete Moreira Kroeff / Docente do Ensino Fundamental (RS)

Pretende-se com esta comunicação apresentar aspectos da pesquisa realizada sobre as mulheres eleitas para o Parlamento gaúcho, Deputadas Estaduais, no período de 1950-1990. Analisa-se historicamente a atuação feminina no espaço público, um território predominantemente, quando não exclusivamente masculino; evidencia-se a metodologia da História Oral; destaca-se as relações de Gênero estabelecidas e explicitadas ao longo do estudo, buscando significar às relações de poder, instituídas de forma relacional entre homens e mulheres, como uma das possibilidades de compreensão e interpretação da realidade que envolve o sistema do pensamento da cultura ocidental, baseada principalmente nos estereótipos e representações sociais, onde o imaginário circunscreve e trama os espaços dos papéis masculinos e femininos na sociedade. Objetiva-se oportunizar com a apresentação da pesquisa a ampliação do debate a cerca das mulheres e suas relações na sociedade atual, principalmente na brasileira, construir e difundir conceitos e novas formas de pensar o tema mulher na contemporaneidade.

---

### **Comunicação VII: O re-significado das músicas de Chico Buarque no universo feminino: a constituição do gênero e seus entrelaçamentos**

Glória Cristina Ferreira Gabriel / PUCRS (RS)

O referente trabalho centrou-se em analisar como as mulheres adultas, que viveram o período da ditadura militar, descrevem a experiência da recepção da música de Chico Buarque de Hollanda. Para tal, entrevistei dez mulheres, atualmente entre 42 e 60 anos de idade, sendo condição referir ter ouvido e gostado muito das músicas de Chico no período ditatorial. As músicas de Chico descrevem os sentimentos e desejos femininos, tanto que a literatura chega a apontá-lo como o “eu-lírico feminino”. Pergunto se esse compositor terá sido o mito do feminino; como as mulheres receberam e significaram a obra de Chico; que sentidos produziram para

seus cotidianos. Para dialogar com estas questões norteadoras, utilizei a análise de conteúdo segundo Zicman, destacando algumas categorias que emergiram desta, a saber: o contexto familiar e a questão do gênero; o perfil feminino e a cultura de direitos; o homem e a mulher nas músicas buarquianas. Pela análise realizada, podemos dizer que o compositor Chico Buarque significa o poeta, o cantor, o artista que cantou a mulher, encantando com sua poesia e melodia. Concomitantemente, encontrou/sintonizou com a expressão do desejo de democracia e de liberdade dessas mulheres. Enfim, Chico Buarque marcou a história das informantes, onde podemos considerá-lo como uma contribuição importante nas relações cotidianas que estas estabeleceram/estabelecem com o mundo.

---

### **Comunicação VIII: Memórias de Boleiras**

Luiz Carlos Rigo, Larissa Theil, Marcela Amaral / ESEF/UFPel (RS)

Esta pesquisa constitui-se em um estudo no campo da história do tempo presente, que está inserido em um programa de construção da memória esportiva da cidade de Pelotas/RS, que vem sendo desenvolvido pelo grupo de pesquisa Estudos Culturais em Educação Física da ESEF/UFPel, desde o ano de 2003. Nesta pesquisa, estamos tratando especificamente da construção da memória do futebol feminino pelotense. Através da pesquisa baseada em fontes escritas (jornais da cidade) e de fontes orais (três depoimentos), identificamos indícios empíricos que assinalam que o futebol feminino pelotense não é uma prática tão recente como muitos imaginam. É possível dizer que a história do futebol feminino em Pelotas é composta por dois grandes momentos: um primeiro que remete aos anos de 1953 e 1954, quando, por intermédio da existência de dois times de futebol feminino local, o Corinthians da Luz Futebol Club e o Vila Hilda Futebol Clube, as equipes organizavam treinos físicos e táticos, jogos e excursões e assim colocaram Pelotas no palco de uma experiência pioneira na historiografia do futebol feminino brasileiro, e um segundo momento, situado no final dos anos oitenta e início dos anos noventa, quanto acontece, em todo o Brasil, a retomada da prática do futebol feminino. Por intermédio de matérias e reportagens de jornais e de depoimentos orais que coletamos com atletas e dirigentes que viveram estes dois momentos, estamos analisando questões como: quais as principais singularidades que compõem o futebol feminino desses dois momentos? Como os estereótipos e o preconceito relativo ao gênero estiveram presentes em uma e em outra época? E, por último, como a proscrição que se inferiu sobre a prática do futebol feminino brasileiro, durante o Estado Novo, deixaram suas máculas nas memórias do futebol feminino pelotense?

---

### **Comunicação IX: Entrevistando mulheres velhas: entre a voz, o gesto e o medo**

Cleci Eulalia Favaro / UNISINOS (RS)

Na presença de homens, a “fala” das mulheres não é a mesma: uma espécie de auto-censura perpassa o depoimento, que se revela nitidamente um discurso masculino. Neste sentido, ouvir a voz feminina implica registrar também o gesto, os movimentos do corpo, a intensidade e a direção do olhar. Em se tratando de descendentes de imigrantes, o depoimento é também atravessado pelas representações que o grupo social constrói e quer manter. O texto trata da análise de uma experiência de coleta de histórias de vida de mulheres velhas em dois momentos diferentes, em uma relação direta entre entrevistadora e entrevistada e diante do grupo familiar.

---

### **Comunicação X: As mulheres soltam a voz**

Tânia Maria Gomes da Silva Bezzant / UFPR e Faculdade de Apucarana (PR)

O trabalho busca apresentar o resultado de uma pesquisa realizada com vinte moradoras da periferia do município de Mandaguari, noroeste do Paraná, todas elas mulheres que vivem ou viveram a experiência de união consensual, isto é, união não legalizada no âmbito civil e religioso. Este modelo de relação conjugal é também conhecido por amigamento, mancebia, união livre ou, como denominou a Constituição brasileira de 1988, união estável. Destas entrevistas, realizadas no período de janeiro de 2004 a agosto do mesmo ano, destacaremos as observações que dizem respeito à divisão sexual do trabalho no âmbito doméstico, considerado pelas depoentes como sendo fonte de grande opressão e desigualdade nas relações de gênero.

---

### **Comunicação XI: “Histórias de Mulheres” no Bannrisul**

Frinéia Zamin

Pretendo apresentar um trabalho de pesquisa sobre o trabalho feminino no Banco do Estado do Rio Grande do Sul, usando a metodologia da história oral. O projeto, execução da pesquisa e de exposição museográfica foram desenvolvidos no ano de 1996, período em que atuei junto ao Museu Bannrisul. Cabe mencionar a participação da Prof<sup>a</sup> Áurea Petersen, que na época trabalhava na sua Tese sobre trabalho feminino, tendo, então, participado de várias entrevistas. O principal objetivo para o desenvolvimento desta temática de pesquisa junto ao Museu Bannrisul, foi a busca de dados que permitissem iniciar uma análise sobre a inserção e movimen-

tação das mulheres no quadro de funcionários da empresa, focando na ascensão (ou não) junto ao plano de carreira. Desta forma, ao selecionar as entrevistadas, buscamos: – as primeiras mulheres que ingressaram como funcionárias na década de 1940; – mulheres representativas das admissões nas décadas seguintes; – mulheres que ocuparam cargos diferentes, desde Escriurárias até Chefes de Departamento e Gerentes Gerais. Com esses critérios selecionamos vinte funcionárias aposentadas e na ativa para serem entrevistadas, o que proporcionou resultados bastante positivos frente aos objetivos propostos. Durante mais de cinquenta anos (1943 – 1996), desde que as primeiras mulheres ingressaram no Banrisul, o percentual feminino no quadro funcional cresceu bastante, (em 1996 chegava a quase 50%), porém um número muito reduzido chegou aos cargos superiores do plano de carreira. Somente uma funcionária havia, até então, chegado à chefia de um departamento – Nível A; das mais de 300 agências do Banrisul, somente 09 eram gerenciadas por mulheres. Tendo em vista meu deslocamento do Museu para outra área da empresa, o projeto foi interrompido, não havendo portanto o aprofundamento das análises. Mesmo assim julgo ter sido produtivo.

---

## **Comunicação I: A “Batalha da Borracha” e o Fluxo Migratório para a Amazônia**

Maria das Graças Santos Dias Magalhães / UFRR (RR)

O trabalho que ora apresento resulta de uma pesquisa em andamento com os ex-trabalhadores da floresta, os seringueiros. Ao propor um trabalho dando conta das migrações e experiências desses trabalhadores na Amazônia, em destaque o estado de Roraima, busca-se constituir o acontecer histórico narrado por aqueles que vieram viver e trabalhar na região, através de uma realidade que deve sempre ser analisada em uma dinâmica que é múltipla e complexa. Nessa direção, ganha força a necessidade de uma análise das várias dimensões do todo social, principalmente, por tratar-se de um estudo típico de uma localidade. Não a localidade por si mesma como objeto de pesquisa, mas a existência, ou seja a experiência humana aí vivenciada. A princípio, no desenvolvimento da pesquisa, priorizei o trabalho com a fonte oral, considerando principalmente a escassez das fontes escritas em Roraima. Cabe ressaltar que boa parte das entrevistas realizadas no sul de Roraima também vem se tornando importante na confrontação das informações das fontes escritas, possibilitando analisar os diversos aspectos dos migrante no seringal. Nesse sentido, as pesquisas orais permitem instituir um campo documental, que muitas vezes, tem se perdido com o falecimento de seus protagonistas. É importante observar que até aos dias atuais em Roraima ainda se encontra atores sociais da “Batalha da Borracha”. Foi em função da Segunda Guerra Mundial, que surgiu a “Batalha da Borracha” na Amazônia, numa ação conjunta do Governo brasileiro com o Governo americano. As colônias orientais que produziam borracha foram ocupadas pelo Japão. Dessa forma, tornou-se necessário buscar outra fonte de látex, tão importante para a guerra. O Governo brasileiro resolveu instituir a “Batalha da Borracha”, a fim de recrutar mão-de-obra em todo o Brasil para trabalhar no extrativismo gomífero.

## **Comunicação II: Memória do Setor Coureiro-Calçadista: história oral como instrumento de resgate da memória dos pioneiros do calçado do Vale do Rio dos Sinos**

Cláudia Schemes, Cleber Cristiano Prodanov, Ida Helena Thön e Rodrigo Perla Martins / Centro Universitário Feevale (RS)

Esta pesquisa teve como objetivo resgatar a memória dos pioneiros do setor coureiro-calçadista do Vale do Rio dos Sinos nos vários setores da cadeia produtiva do calçado. A metodologia utilizada foi principalmente a da história oral, embora tenham sido utilizadas outras fontes de pesquisa, como fotografias, cultura material, jornal e livros de época. Dentre os setores entrevistados, podemos citar trabalhadores, empresários, exportadores, imprensa, representantes comerciais, políticos, etc. Este trabalho aconteceu

de forma interdisciplinar com a participação do Museu Nacional do Calçado, cursos de Comunicação Social e História e resultou em um documentário em DVD, um CD-ROM de fotos e em um livro com os depoimentos.

---

### **Comunicação III: Céus desconhecidos: memória e história oral através das vozes dos aeronautas**

Claudia Musa Fay / PUCRS (RS)

Os aeronautas, pilotos, co-pilotos, mecânicos de vôo, comissários de bordo – tanto os do sexo masculino como do sexo feminino – trabalham numa situação incomum: deslocando-se no ar, confinados em um ambiente artificial e restrito a uma cabine de avião. A presente comunicação busca, através da análise das narrativas dos trabalhadores do setor, compreender os aspectos silenciados do trabalho na atividade aérea, abordando os problemas da profissão, bem como os mitos e os aspectos simbólicos que valorizam o profissional. De uma forma ampla, a atividade aeronáutica promete uma vida glamourosa para os profissionais da aviação através da oportunidade de conviver com a tecnologia avançada, viajar e conhecer lugares distantes hospedar-se em maravilhosos hotéis e esconde o lado profundamente desgastante em termos físicos, emocionais e sociais que os profissionais enfrentam.

---

### **Comunicação IV: Una experiencia de Historia oral: entrevistas a ex trabajadores del Frigorífico ‘Anglo’ de Fray Bentos”**

Jannette Reinfeld – Universidad de la República (Uruguay) e Ana Ma. Sosa González – PUCRS (RS)

Este trabajo se propone presentar un análisis sobre la conformación de una comunidad, en torno al Frigorífico “Anglo” de Fray Bentos, capital del departamento de Río Negro, Uruguay, entre 1939-1967. Para ello se analizarán históricamente las situaciones internacional, regional, nacional y local, entorno a sus economías, y de que manera un establecimiento fabril, de capitales internacionales, se instaló, propició y desarrolló una ciudad, generando simultáneamente un referente local, creando al mismo tiempo representaciones culturales específicas que dan relevancia al presente estudio. Tal abordaje se construirá específicamente a través de las entrevistas realizadas a ex trabajadores del Frigorífico, que permanecieron en sus establecimientos por más de treinta años. A través de sus testimonios se busca rescatar sus modos de vivir, conocer y construir su realidad, a la vez identificar de que manera conforman y hacen parte de una historia de dimensiones mayores. La presente comunicación centrará su atención en las relaciones laborales, el trabajo dentro del frigorífico, sus modos de organización, horarios, entorno y ambiente laboral, tipos de tareas, transmisión de conocimientos y

captación de habilidades individuales, descansos, salarios, formas de pago, salud e higiene laboral, ... Todos estos aspectos estudiados a partir de las fuentes orales y confrontados con algunos periódicos, y poquísimos estudios académicos sobre el tema. En definitiva se tratara de demostrar que para este caso no existía fuentes mas apropiadas que las orales, siendo estas debidamente analizadas, con los cuidados y procedimientos metodológicos que requiere, la manera mas adecuada de hacer el estudio. Finalmente, no se trata de una recopilación de experiencias laborales de un grupo de personas, sino que se busca ir mas allá se intenta destacar los múltiples significados que el Frigorífico tuvo para esa comunidad: algunos en relación estricta al trabajo (organización, método, rutina, ...), otros en relación a la ciudad (desarrollo de la misma, negocios, vida cultural, diversiones, ...).

---

### **Comunicação V: O tropeirismo de suínos na região do Contestado e sua influência no incipiente processo agroindustrial nas memórias de antigos tropeiros**

Delmir José Valentini / PUCRS (RS)

O tropeirismo de suínos na Região do Contestado e sua influência no incipiente processo agroindustrial nas memórias de antigos tropeiros trata da faina de sujeitos históricos que, nas décadas que antecederam a chegada das estradas e dos caminhões, fizeram das tropeadas de suínos uma forma de sobrevivência. Diante da escassez de recursos, das distâncias e da necessidade do comércio, o jeito foi aventurar-se em jornadas pelas trilhas e veredas do sertão, epopéia que se traduziu em algumas memórias, que procuramos dar significação transformando em narrativas e histórias. Na historiografia, existem raras referências sobre o tropeirismo de suínos e esta abordagem foi feita, basicamente, a partir de memórias de antigos tropeiros de suínos da Região do Contestado, sobreviventes que relataram as memórias que aqui foram sistematizadas. Foram entrevistados dezenas de antigos tropeiros de suínos entre janeiro e julho de 2004, envolvendo moradores de vários municípios da Região do Contestado, principalmente Caçador e Lebon Régis SC. Os relatos remontam as décadas de 1940 e 1950, tempo que antecedeu a chegada dos caminhões e, em alguns locais, as próprias estradas de rodagem e as pontes. As atividades dos tropeiros de suínos se constituíram no incipiente suporte para a atividade econômica que encontrou expressiva força econômica, caracterizada hoje, pela agroindústria e todo potencial advindo desta simples, mas engenhosa atividade, largamente praticada por homens simples que também fizeram história no limiar de um importante processo econômico.

---

## **Comunicação VI: Sonho e desencanto: a experiência de uma imigrante argentina na Toscana contemporânea**

Luís Fernando Beneduzi / ULBRA (RS)

A situação de crise experimentada pelas nações latino-americanas, em finais do século XX, especialmente a realidade caótica vivida pela Argentina, produziu um incremento na emigração para a Europa e para os Estados Unidos. No caso argentino, devido também ao grande número de descendentes de imigrantes italianos, construiu-se uma relação mais próxima com a República Italiana, fazendo com que muitos descendentes buscassem a dupla cidadania e percorressem o caminho de retorno à terra dos antepassados. Da mesma forma, outros argentinos sentir-se-ão motivados para partir em busca de uma nova vida na Itália. Efetivamente, em território italiano, houve um novo aumento na imigração e – no caso argentino – destacou-se a imigração feminina. O objetivo do presente trabalho é discutir a relação entre sonho e desencanto que se constrói na experiência de emigração dessas mulheres argentinas – em finais do século XX. Procura-se entender as imagens construídas acerca da não-possibilidade de crescimento profissional – a ideia de estagnação – vinculadas à terra de partida e as imagens de terra das oportunidades identificadas com a terra de chegada. Trabalha-se especificamente com a trajetória de uma imigrante (desde sua partida de La Plata – na Argentina – até sua chegada na Toscana – Itália), discutindo suas experiências e percepções acerca do fenômeno imigratório. Pode-se perceber que a imagem referência para a vida anterior à imigração é marcada pelo desencanto, pela sensação de perda. De outra maneira, a partida cobria-se de um manto de possibilidades – de libertação. O cotidiano na terra de imigração produzirá novas percepções sobre o processo de partida e proporcionará um novo olhar sobre a experiência: mesmo na terra da promessa, convive-se com o sonho e com o desencanto.

---

## Comunicação I: Acervo para a História Oral do Instituto de Física da UFRGS

Carlos Alberto dos Santos – UERGS e João Batista Carvalho da Cruz e Gabriel de Freitas Focking – UFRGS (RS)

O Instituto de Física da UFRGS (IF-UFRGS) foi criado em março de 1959, já com um consistente projeto de pesquisa científica. Em outubro do mesmo ano, chega a Porto Alegre o prof. Theodor August Johannes Maris, um holandês naturalizado alemão com doutorado em física na Alemanha, com passagens no Instituto Nobel de Estocolmo, na Universidade de Uppsala, no Instituto de Física Niels Bohr de Estocolmo e na Universidade Estadual da Flórida. Dez anos depois da sua criação, a lista de publicações do IF continha 54 artigos. Um número tão expressivo que um administrador científico norte-americano denominou um dia *the nicest, most coherent Physics Institute in Latin America*. Um levantamento realizado pelo *Institute for Scientific Information* (EUA) cobrindo o período 1973-1978, mostrou que o artigo do terceiro mundo mais citado na literatura do primeiro mundo foi *Quasi-free scattering and nuclear structure*, de Gerhard Jacob e Theodor Maris. Paralelamente a esses estudos teóricos, outros pesquisadores do IF-UFRGS iniciaram a implementação de pesquisas experimentais, desenvolvendo aqui praticamente toda a infra-estrutura necessária. Tal iniciativa repercutiu positivamente nos avanços tecnológicos observados nos anos posteriores. Os principais responsáveis por esses projetos continuam ativos, embora com presença mais discreta na pesquisa atual. Com apoio do CNPq, estamos implementando um projeto de pesquisa, preservação e disseminação do acervo científico e tecnológico do IF-UFRGS, do qual o presente trabalho é a parte que se refere à História Oral. Dada a especificidade do tema e da população-alvo, estamos adaptando uma metodologia descrita por Paul Thompson (*A voz do Passado: História Oral*, Paz e Terra, 2002), a qual consiste no seguinte: Inicialmente os indivíduos são entrevistados de acordo com procedimentos usuais (Alberti, V. *Manual de História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004). Ao final da entrevista são apresentadas fotografias de equipamentos e montagens de experimentos que tenham a ver com a história de vida acadêmica do entrevistado. Portanto, a metodologia depende crucialmente do conhecimento da vida acadêmica do entrevistado, pelo menos naqueles aspectos externamente visíveis. Após a apresentação de cada fotografia, o sujeito é solicitado a tecer comentários que achar pertinentes.

---

## **Comunicação II: Santa Casa de Porto Alegre na escuta: um acervo de História Oral aberto à comunidade**

Adriane Maria Raimann / Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre (RS)

O Centro Histórico-Cultural Santa Casa de Porto Alegre reúne um rico e multifacetado acervo documental. Fundada em 1803, a mais antiga Misericórdia do Rio Grande do Sul, foi ao longo de sua trajetória produzindo documentos em papéis, manuscritos e impressos, sobretudo, através dos quais é possível desvendar aspectos da história social, política, econômica, cultural, religiosa e médica da capital gaúcha e do Estado. Outras fontes documentais, em diferentes suportes, foram geradas, especialmente nas últimas décadas e, com destaque, se apresentam as fontes orais como um outro recorte pontual do seu acervo. Médicos, dirigentes e funcionários da Santa Casa, em atividade, ou aposentados, registraram depoimentos que oferecem informações que não só trazem à luz o que a documentação escrita não contém, como detalham e ampliam o que as demais anunciam. Pretende-se com a comunicação, apresentar o acervo de História Oral da Santa Casa e demonstrar suas possibilidades de pesquisa, destacando que ela oferece elementos para a História da Saúde, como para outros tantos campos da História e das demais ciências humanas.

---

## **Comunicação III: Identidade, memória e cidadania nos acervos de História Oral e Mídia digital**

Priscila Ferreira Perazzo / IMES – Universidade Municipal de São Caetano do Sul (SP)

Essa comunicação se propõe a discutir a importância da constituição de acervos de história oral, levando em consideração a difusão da memória e o exercício da cidadania a partir dela. Como o ato de rememoração requer um comportamento narrativo, pois trata-se da comunicação a outrem de uma informação, na ausência do acontecimento ou do objeto que constitui o seu motivo (Le Goff, 2003), as técnicas de história oral possibilitam a organização de um acervo de relatos de história de vida que, no seu conjunto, levam à reconstituição da identidade coletiva e da memória da comunidade. São os sentimentos de pertencimento a um grupo, garantido por imagens ou símbolos, que permitem o reconhecimento do outro como a si mesmo. Esse reconhecimento pode ser visualizado a partir da gravação sistemática (de som e imagem) de depoimentos de personagens singulares, atribuindo importância às minorias e destaque para os direitos e liberdades individuais. Abre-se, com isso, espaço para a subjetividade na ciência, visão de mundo inovadora dos homens e mulheres desde fins do século XX, que vai determinar, de alguma forma, a atual concepção de cidadão. Nesse sentido, a proposta do Memórias do ABC, núcleo de pesquisas do IMES-Universidade Municipal de São Caetano do Sul, é a de organizar um

acervo de memória e história oral da região do ABC paulista, na forma de um banco de dados multimídia, visando o exercício da cidadania pelas memórias.

---

#### **Comunicação IV: Núcleo de História Oral do Arquivo Histórico de Joinville: experiências e perspectivas na construção da história da cidade**

Maria Judite Pavesi / Arquivo Histórico de Joinville – AHJ (SC)

Esta comunicação visa apresentar e socializar a experiência desenvolvida pelo Núcleo de História Oral do Arquivo Histórico de Joinville. Este contribui para a construção da memória histórica da cidade através da preservação e da disponibilização de depoimentos (entrevistas) doadas e/ou produzidas pela instituição. Atualmente o Núcleo de História Oral possui um acervo de 539 entrevistas nas quais estão contemplados os mais diversos temas, tais como: a história dos portugueses em Joinville, a história do negro, a imigração européia, a segunda guerra mundial, a campanha de nacionalização, a ditadura militar, entre outros que são fontes valiosas para diferente leituras e escritas sobre a história da cidade.

---

#### **Comunicação V: A produção do NDH/UFPEL em História Oral**

Ângela Beatriz Pomatti, Inácio Ribeiro Oliveira, Profa. Lorena Almeida Gill (coord.) e Profa. Beatriz Ana Loner (coord.) / UFPel (RS)

Esta comunicação pretende apresentar a produção do Núcleo de Documentação Histórica da Universidade Federal de Pelotas, no que se refere à história oral. O NDH/UFPEL foi criado em 1990 com o objetivo principal de preservar a memória histórica regional e da própria universidade. Nesses quinze anos, desenvolveu vinte e um trabalhos de pesquisa, além de projetos de extensão e serviços técnicos. Muitos desses projetos tiveram como metodologia principal a História oral, gerando um rico acervo que consta de entrevistas com professores da UFPel tais como: professora Carmem Duarte, Luís Henrique Schuch, Doutor Eurico Kramer de Oliveira, Professor Gastão Pureza Duarte, professor Ari Costa. Reúne também um importante acervo de depoimentos colhidos entre período de março/abril de 1993 a dezembro de 1994, com 13 colonos do assentamento da Palma. Foram realizadas ainda entrevistas com imigrantes judeus em Pelotas, que serviram de base para uma dissertação de Mestrado e vários artigos, além de um diversificado material com depoimentos de pessoas envolvidas em movimentos populares, personalidades da região e alguns relatos colhidos durante con-

gressos e palestras realizados no ICH. Atualmente o Núcleo desenvolve o projeto de pesquisa “Memórias da cidade: Pelotas através da voz de seus moradores”, baseado em história oral de vida.

---

### **Comunicação VI: Relatos de Experiência: registro das memórias dos que viveram a guerra**

Laerte Ferraz da Silva / ULBRA (RS)

Este projeto de pesquisa se propõe à construção de um acervo de documentação oral e documental, focalizado na experiência de ex-combatentes e/ou civis que viveram a experiência das guerras nas décadas de 30 e 40 do século XX. A partir de trabalhos acadêmicos realizados com alunos de História Contemporânea II, vislumbrou-se a possibilidade de organizar um trabalho efetivo de resgate de narrativas sobre o período da Segunda Guerra Mundial. O fato de batalhões brasileiros terem sido enviados aos combates e também por nosso estado ter sido o destino escolhido por fugitivos e pessoas que abandonaram a Europa naquele momento de convulsão, nos oferece possibilidades concretas de construir um acervo qualificado de depoimentos orais. Certamente será possível também entrar em contato com documentos pessoais do grupo, o que colabora para um conhecimento mais completo da conjuntura internacional. A proposta fundamental implica em resgatar para o campo do estudo da História a experiência vivida, tornando-a assim fonte documental para o ensino e a pesquisa. Como orienta Walter Benjamin, o estudo da História deve pautar-se pela possibilidade de resgatar do passado as informações e experiências que podem transformar nossa História em uma outra História. Se a memória individual é a experiência apreendida, mediada e transformada pelos diversos estados da vida e por outras experiências exteriores, precisamos nos apropriar desta como fonte potencial de pesquisa. A forma pela qual o pesquisador, assim como qualquer pessoa, tem acesso à memória de outros é através da linguagem oral ou escrita. A narrativa é a principal forma de exteriorização e de prolongamento da memória, que aparece no relato oral já refletida e transformada. Para utilizar o testemunho oral como fonte, o pesquisador precisa diferenciar a memória (que se aproxima do ensinamento e da re-elaboração) da narrativa (rememoração da experiência). A memória, portanto está sempre sujeita à distorção enquanto a narrativa nos proporciona viver novamente a experiência. Cabe ao pesquisador, auxiliado pelos métodos da História Oral, estimular a narrativa do entrevistado possibilitando assim a evocação do passado.

---

### **Comunicação VII: O Centro de Memórias e de Histórias de Vida (CMHV/UPF)**

Eliane Lucia Colussi e Mauro Gaglietti / Universidade de Passo Fundo – UPF (RS)

O Centro de Memória e de Histórias de Vida, vinculado à Universidade de Passo Fundo, é um núcleo que pretende centralizar as pesquisas de diferentes áreas do conhecimento e que tenham em comum a questão/articulação da memória, do corpo social e da construção do conhecimento. Dessa forma, o centro prioriza trabalhos de caráter multidisciplinar abarcando, especialmente, as áreas de História, Educação, Literatura, Comunicação e Ciências do Envelhecimento. O CMHV está em processo de implantação e definiu que entre os seus objetivos estão: 1) o de construir um espaço que permita, ou estimule, uma reflexão sobre o debate das diferentes formas de registro da memória e suas articulações teóricas e metodológicas; 2) o de organizar, e disponibilizar, um acervo documental de memória oral e de trajetórias de vida, fruto de projetos já desenvolvidos, isoladamente e/ou informalmente, na Instituição; 3) o de criar mecanismos de divulgação e de ampliação de projetos e de acervos documentais nas áreas de: Memória e historiografia, Memória e trajetórias profissionais; Memória e leitura; Memória e comunicação e Memória e educação. Alguns subprojetos já estão em processo de desenvolvimento na Universidade de Passo Fundo e o CMHV vem buscando propor caminhos e estratégias para uma articulação metodológica e teórica entre eles. Entre essas experiências destacam-se os projetos: Memória e historiadores gaúchos; memória e movimento estudantil; memória de professores; a trajetória de vida de empresários, líderes políticos e sindicais da região. Por fim, é importante destacar a importância que os estudos sobre o envelhecimento humano vêm adquirindo na Universidade de Passo Fundo, e, portanto, tende a crescer a reflexão e a produção documental sobre a memória a partir da instalação do Mestrado Multidisciplinar em Ciências do Envelhecimento Humano.

---

### **Comunicação VIII: Acervo de Memória Oral da Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Bom Jesus**

Lucila Maria Sgarbi Santos / Secretaria Municipal de Educação e Cultura-SMEC-Bom Jesus (RS)

Em 1990, a Secretaria Municipal de Educação e Cultura – SMEC, propôs um projeto amplo denominado: “Resgatando Nossas Raízes”. Tinha como objetivo geral, conhecer a história do Município de Bom Jesus através dos que a viveram, e do que fez parte do processo de sua formação. A estratégia de ação estabelecida foi o desenvolvimento de cinco subprojetos. Entre eles estava elencado o de número um, intitulado “Reconstruir a História através da Memória Oral: Ouvindo e Lembrando”. O subprojeto referido tem

como objetivo geral estudar a História do Município de Bom Jesus através da visão de quem a viveu. Esse projeto iniciou em 1990. O maior número de entrevistas foi realizado entre os anos de 1991 e 1996. Posteriormente, em continuidade ao trabalho, outros subprojetos foram criados. Os registros orais estão, atualmente sendo copiados em CDs. O acervo reúne 165 entrevistados, de ambos os sexos, com idade média de 70 anos e aproximadamente 309 horas de gravação. A presente comunicação, além de informar sobre o acervo de História Oral constituído, pretende divulgar suas possibilidades de pesquisa acerca da História dos Campos de Cima da Serra, destacadamente sobre o tropeirismo, que foi o elo de ligação entre o RS e o restante do Brasil.

---

### **Comunicação IX: Registros Oraís, Registros Fotográficos: experiências de uma pesquisa de campo no Foto-Cine Clube Gaúcho**

Cláudio de Sá Machado Júnior / PUCRS (RS)

Esta comunicação tem por objetivo apresentar algumas das experiências adquiridas a partir da realização de uma pesquisa de campo no Foto-Cine Clube Gaúcho, visando à contribuição para a formação de um acervo com fontes orais. A iniciativa é conciliadora de duas propostas de pesquisa, originadas durante o curso das disciplinas de História Oral: fundamentos teórico-metodológicos, técnica de produção e metodologia da interpretação e Antropologia Visual e da Imagem, sendo a primeira no Programa de Pós-Graduação em História da PUCRS e a segunda no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRGS. Privilegiando inicialmente a narrativa autobiográfica e posteriormente as metodologias empregadas para os usos da fotografia artística e amadora, a entrevista objetivou tanto resgatar a trajetória pessoal de um dos atuais membros mais antigos do Foto-Cine Clube Gaúcho, como compreender alguns dos circuitos internos de produção e circulação deste gênero fotográfico. Paralelamente ao registro oral, também foi realizado um pequeno ensaio fotográfico, coletando-se imagens do depoente e de sua produção, com a finalidade de constituir, concomitantemente ao discurso oral, uma narrativa visual. Neste sentido, além de contribuir para a constituição de um acervo com documentação sonora, a atividade de campo também produziu uma documentação de imagens. Numa perspectiva para estudos futuros, a pesquisa caracteriza-se como a parcela de uma proposta para a produção de uma narrativa histórica sobre a fotografia, os fotógrafos e as instituições fotográficas existentes em Porto Alegre.

---

## **Comunicação X: Narrativas do viver: a formação de acervos orais e a preservação da memória**

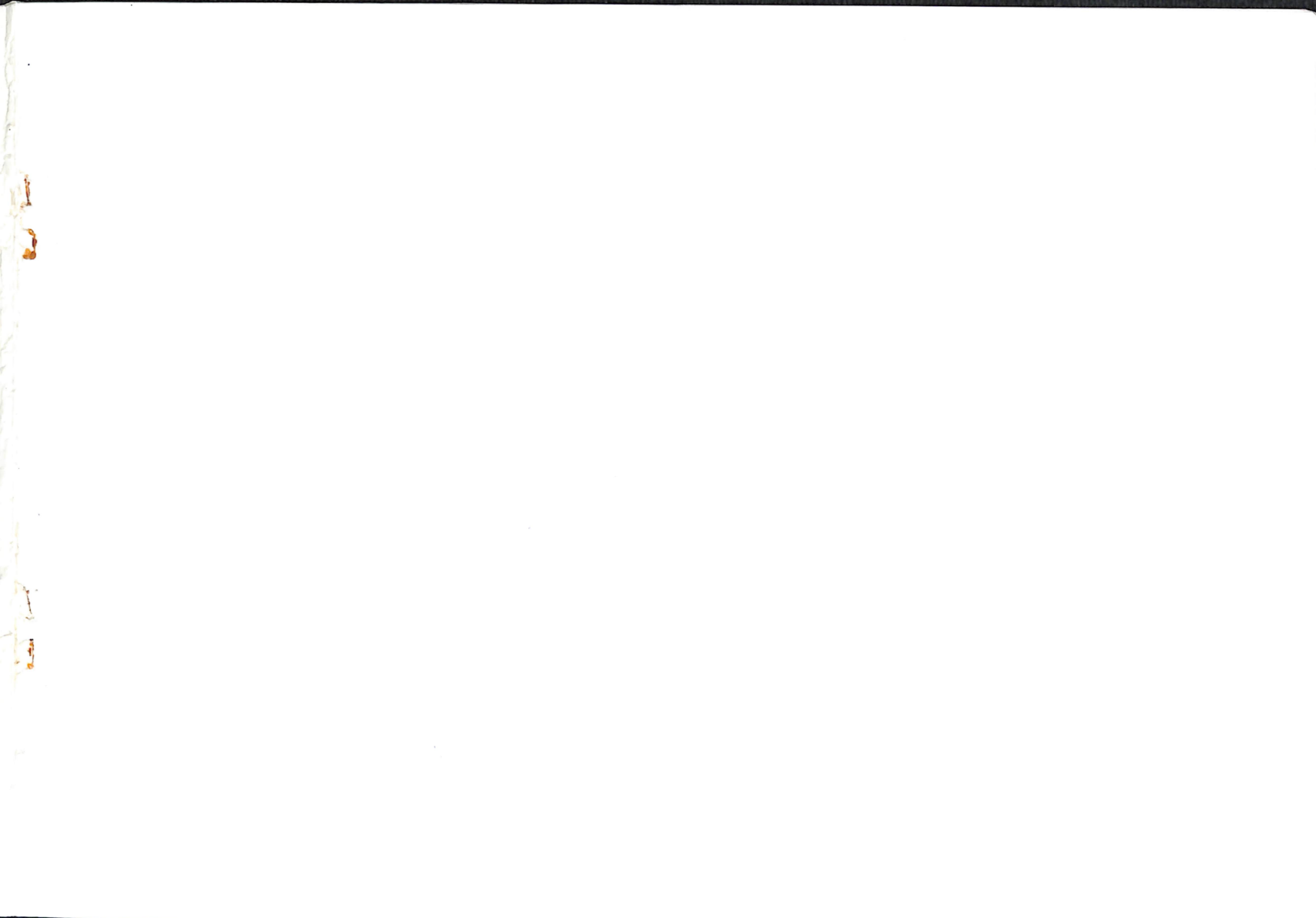
Rejane Silva Penna e Cleusa Maria Gomes Graebin / UNILASALLE (RS)

A questão central que orienta as reflexões e análises que fazemos neste trabalho diz respeito aos debates sobre os suportes e a gestão da memória, as relações entre memória, história, patrimônio e construção de identidades, tanto individuais quanto coletivas. Para pensar esta questão, o trabalho estrutura-se da seguinte maneira: primeiro abordamos a emergência das fontes orais como importante instrumento de compreensão da sociedade, integrando, gradativamente, as pesquisas das ciências humanas, até a sua inserção em diversos centros de preservação da memória. Em segundo lugar, trataremos da consolidação da noção de patrimônio intangível a partir de uma perspectiva abrangente e de suas relações com os conceitos de cultura, memória e identidade, o que remete ao aceite da variedade tanto de suportes como de registros culturais. Brevemente destacamos os diversos tipos de acervos orais considerados de valor cultural, a partir de suas características e dos diferentes procedimentos relativos a sua produção e difusão. Nesse sentido, encaminhamos argumentos para a possibilidade de utilização de acervos já constituídos por novos pesquisadores. A seguir, buscamos responder aos questionamentos sobre a validade e representatividade das fontes orais, enfatizando o caráter social da memória contida nos depoimentos, os quais refletem, ao mesmo tempo, os elementos em comum e as diversidades de uma sociedade, legitimando a incorporação dos depoimentos orais nos locais responsáveis pela guarda da memória. Por fim, analisa a pertinência e a funcionalidade de um acervo de fontes orais com o exemplo prático do Arquivo Oral da Memória Lassalista, criado para permitir o estudo institucional de uma organização de ensino, explicando a metodologia e sugerindo algumas possibilidades de abordagem pelo estudo das entrevistas.

---

# ÍNDICE POR NOMES

|                                      |            |  |        |                                       |            |                                     |            |
|--------------------------------------|------------|--|--------|---------------------------------------|------------|-------------------------------------|------------|
| Adriana Bozzetto .....               | 36         | Dalila Rosa Hallal .....               | 28     | Jorge Cunha.....                      | 35, 40, 41 | Marlene de Fáveri .....             | 54         |
| Adriana dos Santos Moraes .....      | 22         | Daltro Cardoso Rotta .....             | 35     | Josiane Roza de Oliveira .....        | 55         | Marluza Marques Harres .....        | 11         |
| Adriana Mello Caçado .....           | 53         | Daniele Reiter Chedid .....            | 63     | Josiane Tomasi da Silva .....         | 35         | Marta Adriana Schmitt .....         | 39         |
| Adriane Maria Raimann .....          | 78         | Danielle Heberle Viegas .....          | 17     | Juliana Ramanzini .....               | 62         | Mauro Gaglietti .....               | 81         |
| Aldeci Caciue Calixto .....          | 43         | Débora Clasen de Paula .....           | 20     | Juliane Conceição Primon Serres ...   | 52         | Méri Frotscher .....                | 25         |
| Alessander Kerber .....              | 20         | Delmir José Valentini .....            | 75     | Laerte Ferraz da Silva .....          | 80         | Nadia Beatriz Casani Belinazo ..... | 35         |
| Alessandro Bracht .....              | 66         | Deusa Maria de Sousa .....             | 59     | Larissa Theil .....                   | 69         | Núncia Santoro de Constantino ..... | 7          |
| Ana Ma. Sosa González .....          | 74         | Dóris Bittencourt Almeida .....        | 38     | Leonor Carolina Baptista Schwartzmann | 51         | Osmar Ribeiro de Araújo .....       | 46         |
| Ana Paula Vosne Martins .....        | 66         | Edite da Glória Amorim Guimarães       | 45     | Líliã Neves Gonçalves .....           | 56         | Patrícia Mruz .....                 | 35         |
| André Luís Borges Lopes .....        | 19         | Elenice Szatkoski .....                | 61     | Lílian Calaça .....                   | 43         | Paulo Roberto de Almeida .....      | 33         |
| Ângela Beatriz Pomatti .....         | 79         | Eliane Lucia Colussi .....             | 81     | Lorena Almeida Gill.....              | 20, 21, 79 | Paulo Roberto de Souza .....        | 17         |
| Ângela Flach .....                   | 58         | Elisa Paula Marques .....              | 49     | Lucila Maria Sgarbi Santos .....      | 81         | Priscila Ferreira Perazzo .....     | 78         |
| Arselle de Andrade da Fontoura ..... | 67         | Fabiano Quadros Rückert .....          | 62     | Luís Fernando Beneduzi .....          | 76         | Raquel S.Thiago .....               | 9          |
| Áurea Petersen .....                 | 16         | Fernanda Oliveira da Silva .....       | 20     | Luiz Carlos Rigo .....                | 69         | Regina Beatriz Guimarães Neto ..... | 11         |
| Beatriz Ana Loner.....               | 20, 21, 79 | Flávia Cristina Antunes de Souza ...   | 27     | Maíra Ines Vendrame .....             | 31         | Regina Bittencourt Souto .....      | 24         |
| Benito Bisso Schmidt .....           | 7          | Francine Zanchet Grazziotin .....      | 22     | Mara Rúbia Sant'Anna .....            | 59         | Regina Weber .....                  | 14         |
| Carla Monteiro de Souza .....        | 15         | Frinéia Zamin .....                    | 70     | Marcela Amaral .....                  | 69         | Rejane Silva Penna.....             | 8, 83      |
| Carla Simone Rodeghero .....         | 12         | Gabriel de Freitas Focking .....       | 77     | Marcele Victória dos Santos .....     | 20         | Rodrigo Perla Martins .....         | 73         |
| Carlos Alberto dos Santos .....      | 77         | Glaura Teixeira Nogueira Lima .....    | 23     | Márcia Helena F. Moyzês .....         | 43         | Rosane Marcia Neumann .....         | 57         |
| Carmem Adriane Ribeiro .....         | 47         | Glória Cristina Ferreira Gabriel ..... | 68     | Marcos Fábio Freire Montysuma .....   | 9          | Rosemary Fritsch Brum .....         | 7          |
| Carmo Thum .....                     | 38         | Helenice Rodrigues da Silva .....      | 57     | Maria Bernadete Moreira Kroeff .....  | 68         | Sandra Mara Kindlein Penno .....    | 42         |
| Caroline Baron Marach .....          | 26         | Ida Beatriz Muller .....               | 28     | Maria das Graças S. Dias Magalhães    | 73         | Sandra Terezinha dos Santos.....    | 40, 41     |
| Cíntia Aparecida Almeida Ramos ...   | 31         | Ida Helena Thön .....                  | 73     | Maria de Fátima B. Ribeiro .....      | 44         | Simone Valdete dos Santos .....     | 29         |
| Cíntia Vieira Souto .....            | 65         | Ieda Gutfreind .....                   | 13     | Maria do Amparo Borges Ferro .....    | 42         | Sônia Bressan Vieira .....          | 24         |
| Clarice Gontarski Esperança .....    | 53         | Inácio Ribeiro Oliveira .....          | 79     | Maria Helena Menna Barreto Abrahão    | 37         | Sônia Maria dos Santos.....         | 44, 45, 46 |
| Claudia Musa Fay .....               | 74         | Ismael Antônio Vannini .....           | 49     | Maria Judite Pavesi .....             | 79         | Tania Elisa Morales Garcia .....    | 28         |
| Cláudia Regina Costa Pacheco .....   | 35         | Janice Gonçalves .....                 | 34     | Maria Leticia Mazzucchi Ferreira ...  | 12         | Tânia Maria Gomes da Silva Bezzant  | 70         |
| Cláudia Schemes .....                | 73         | Janine Gomes da Silva .....            | 65     | Maria Lúcia de Souza Rangel Ricci     | 26         | Telma Faltz Valério .....           | 54         |
| Cláudio de Sá Machado Júnior .....   | 82         | Jannette Reisfeld .....                | 74     | Maria Luiza Martini .....             | 14         | Vânia Grimm Thies .....             | 38         |
| Cláudio Pereira Elmir .....          | 33         | Jefferson Rafael da Fonseca .....      | 19     | Mariana Cardoso dos Santos Ribeiro    | 60         | Vera Lúcia Cardoso Medeiros .....   | 33         |
| Cleber Cristiano Prodanov .....      | 73         | Joana Elisa Röwer.....                 | 40, 41 | Marilane Machado .....                | 58         | Vilma Lemos .....                   | 18         |
| Cleci Eulalia Favaro .....           | 70         | Joana Pedro .....                      | 9      | Mariluci Cardoso de Vargas .....      | 21         | Viviane Trindade Borges .....       | 50         |
| Cleusa Maria Gomes Graebin .....     | 83         | João Batista Carvalho da Cruz .....    | 77     | Mário Augusto Correia San Segundo     | 21         | Viviani dos Santos Tavares .....    | 20         |
| Dalila Muller .....                  | 28         | Jônatas Marques Caratti .....          | 32     | Marise Soares Corrêa .....            | 22         |                                     |            |





*História Oral:*  
**experiências e expectativas**

